

3

BRINDES NESTA EDIÇÃO: CD "ETERNAME" DO DETENTOS DO RAP E PÔSTER DUPLO

RAP

NACIONAL



CD &
pôster duplo
GRÁTIS

DETENTOS DO RAP

DETENTOS DO RAP

NOVO DVD DO GRUPO PROMETE SURPREENDER

MANO BROWN, KL JAY, ICE BLUE, EDUARDO, DUN DUN, DOUGLAS, DEXTER, FERRÉZ, THAÍDE, TICO SANTA CRUZ, LINO KRIZZ, YZALÚ, NEGREDO E DBS SÃO ALGUMAS DAS PARTICIPAÇÕES

RACIONAIS MC'S: REPORTAGEM E FOTOS INÉDITAS DO VIDEOCLÍPE MARIGHELLA

VEJA TAMBÉM: NELSON TRIUNFO, SABOTAGE, FERNANDINHO BEAT BOX, FUNÇÃO RHK, SMURPHIES DISCO CLUB, ALESSANDRO BUZO, THIAGÃO E OS KAMIKAZES DO GUETO, ESPECIAL DJS, YUNG KNOX, SONNY REY, SEMANA DO HIP-HOP EM ARACAJU E MAIS

ED Nº5 - ANO I

RAP
NACIONAL
www.rapnacional.com.br

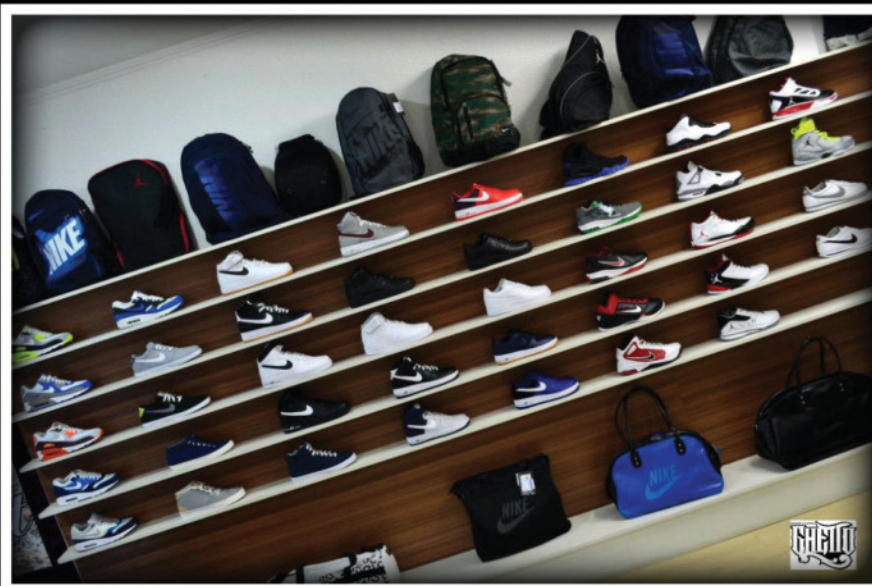


R\$9,99



SNEAKER & CLOTHES

ZHATS



R: Engenheiro Monlevade, 674 - Centro
Quindiai / S.P - Fone: (11) 4497-0677

MATIOSO



Compre na www.lojarapnacional.com.br



Páginas 10 a 12



Páginas 26 a 29



Páginas 30 a 34



Páginas 39 e 41



Páginas 52 a 54



Páginas 42 a 51



Páginas 60 a 63

Editorial

SÓ PROGRESSO...

Mais uma edição e vejo que a nossa revista continua a crescer cada vez mais. Cada aperto de mão e cada abraço que recebo em conjunto com palavras de agradecimento nos lugares por onde passo, são combustível aditivado para que tenhamos bom gosto e respeito ao leitor desde a pauta ao produto final.

Agora, em molduras ou apenas colado com durex, podemos ver dentro das casas de meus manos, dos barracos de madeira aos estúdios, a imagem de um ídolo do RAP NACIONAL. A imagem de um herói periférico que não usa capa e nem cueca por cima da calça, mas tem o super poder de resgatar jovens do mundo do crime e esquivar uma parcela das drogas, através de suas músicas.

O sucesso da edição passada, que trouxe de brinde o pôster com Edi Rock foi tão grande que resolvemos repetir em dose alta. Desta vez, duas vezes maior e em dose dupla. De um lado a capa do livro de um amigo, grande rapper e escritor Eduardo, do grupo Facção Central, do outro lado uma super foto do grupo Detentos do RAP, dando um rolê de lowrider, durante a sessão de fotos para a capa desta edição.

Detentos do RAP, um grupo que surgiu no Carandiru e já era forte dentro de um complexo carcerário, imagina agora, nas ruas? Pois é, eles que foram os primeiros a lançar um DVD de RAP NACIONAL também são os pioneiros a encartar um CD em nossa revista.

Estamos rodando o Brasil e levando nossa cultura até para fora do país. A revista RAP NACIONAL foi comentada no site Hip-Hop The Archive, da faculdade de Harvard. Também fomos para Aracaju/SE, onde fizemos o lançamento da Revista RAP NACIONAL Nº4 dentro da Semana Municipal do Hip-Hop e fomos recebidos pelo prefeito Edvaldo Nogueira em seu gabinete, para uma conversa sobre o hip-hop e a revista.

Seja para aquele que conta as moedinhas para interar e comprar a informação ou seja por aquele que esbanja e não faz questão do troco. Leia, divulgue e compartilhe RAP, o nosso papel vai além do impresso...

Até a próxima!



Mandrake (Diretor) e Elaine Mafrá (Jornalista Responsável) - Lançamento da Revista RAP NACIONAL em Aracaju/SE

RAP NACIONAL

Publicação:

Portal RAP Nacional
www.rapnacional.com.br

Tiragem:

10 mil exemplares

Diretor:

Willian Domingues
(Mandrake)

Jornalista Responsável:

Elaine Mafrá (Mtb 47.959)

Projeto Gráfico e Diagramação:

Willian Domingues
(Mandrake)

Foto da Capa:

Tiago de Jesus

Fotos do pôster:

Tiago de Jesus

Colaboraram

com esta edição:

Cristiane Oliveira, Paula Farias,
Renan Lelis, Hot Black,
Toni C. e Rachel Quintiliano

Departamento Comercial:

[47] 3046.6156

[47] 7811.3497 (Nextel)

[47] 8415.9477 (Oi)

[47] 9672.8061 (Tim)

92*199119 (ID Nextel)

publicidade@rapnacional.com.br

Acesse

rapnacional.com.br/revista

Twitter

twitter.com/rapnacional

Facebook

facebook.com/rapnacional

RAP NACIONAL

www.rapnacional.com.br



IDASUL fonográfica - Investindo no Rap Nacional.



Loja I - Capão Redondo - SP Av Comendador Sant'anna, 138 (11)5870-7409



IDASUL

“Asas que voam no asfalto”

Maurício DTS usa IDASUL

Próximos lançamentos:

BanG
Africano



Palavrarmas



Loja 2 - Galeria - Centro - SP - Rua 24 de maio, 62 - lj 40 (11)3222-8387

Adeus mestre! Morre Fabio Macari

CBELINI



Por @Renan_Inquerito (MC, compositor e poeta. Foi mais um que aprendeu e deve muito a esse mestre)

Quem do RAP NACIONAL nunca ouviu um som produzido por ele? Pule ou Empurre (R.P.W.) Durma com os Anjos Criança (Produto da Rua) Periferia Segue Sangrando e Brasília Periferia - Parte 2 (GOG), Refém da Amnésia (Realidade Cruel) Verão na V.R. (Sistema Negro), 2ª Vinda - A Cura (APCI6), Dia dos Pais (Inquerito), Artistas ou Não, Versos Sangrentos, É uma Guerra, Eu Não Pedi pra Nascer, Estrada da Dor (Facção Central) e muitos outros...

Macari era um grande produtor musical e ia além do RAP. Quem já produziu um disco com ele tá ligado! Além de fazer a pesquisa dos samplers, a programação, os arranjos, gravações e mixagens ele também opinava nas ideias, na dicção, entonação da voz e até mesmo nas letras das músicas. Por diversas vezes ajudava os MCs com as rimas e o conteúdo das composições, era extremamente crítico e sua sinceri-

dade ácida nem sempre agradava a todos, de personalidade forte dizia o que pensava.

Seu grande envolvimento com os grupos que produzia fez com que Macari assinasse além das produções algumas composições também, exemplo disso é a letra de "Se o Mundo Inteiro Pudessem me Ouvir", gravado em 1993 pelo grupo Filosofia de Rua, com sample clássico de Tim Maia. Também é possível ouvi-lo rimando em algumas de suas produções, como nas faixas "O Tema" e "Se Eu Chorar" ao lado de Pregador Luo e Silveira no primeiro CD do quarteto Feeling (FLG). No disco Sobreviventes, primeiro do Total Drama (2002), Macari canta ao lado de Nill (MRN) no som "Sabedoria", a letra faz uma homenagem a velha escola do rap. No disco Destruição, do grupo Condenação Brutal, embora poucas pessoas saibam, foi Macari quem fez o backing vocal do refrão na música "Dez Anos Perdidos".

Nos tempos atuais, com tantos recursos disponíveis fica difícil imaginar que um dia um maluco cortava as fitas no deck de rolo com a gilete, e depois fazia os loops colando com esmalte. Parece coisa de outro mundo, mas foi assim que Fabio Macari, DJ Raffa, DJ Cuca e muitos outros ancestrais dos atuais beatmakers produziam os primeiros RAPs.

Nos últimos meses Macari descobriu que tinha um câncer, com o qual lutou bravamente até 10 de julho, quando faleceu em Nova Odessa, no interior de São Paulo. Deixou família, mulher, três filhos e uma legião de aprendizes da sua arte, que direta ou indiretamente ainda vão samplear muito o seu nome hip-hop à fora.



21/05/1962

10/07/2012

Brindes



CD "Eternamente",
do grupo Detentos
do RAP

Você está recebendo três
brindes junto com esta
edição, que não podem ser
vendidos separadamente.

Pôster Duplo:

De um lado a capa do livro
do Eduardo "A Guerra Não
Declarada na visão de um
favelado", que será lançado
em breve e do outro lado
uma superfoto do grupo
Detentos do RAP, dando um
rolê de Lowrider



TODO MUNDO LÊ A
REVISTA RAP NACIONAL
Estamos felizes em saber que a cada
nova edição nossa revista atinge um
número maior de pessoas e rasga
horizontes, chegando as mãos de
pessoas importantes como você
leitor que nos apoia, assim como
nossos amigos Romário e Mano Oxi



COMPRE A REVISTA RAP NACIONAL PELA INTERNET E RECEBA EM SUA CASA!

WWW.RAPNACIONAL.COM.BR/LOJA - REVISTA@RAPNACIONAL.COM.BR

PROMOÇÃO: SOU LOUCO PELO RAP NACIONAL!

Faça uma foto criativa com a Revista RAP NACIONAL
e concorra a um kit RAP NACIONAL contendo:

Revista RAP NACIONAL Nº 1 - autografada pelo rapper da capa,
Eduardo do Faccão Central.

I CD Dexter - Ao Vivo

I Pôster da marca Mafioso

I Livro "O Hip-Hop está Morto"

I camiseta I dasul

Adesivos

Para participar faça uma foto criativa segurando ou que apareça a
capa da Revista RAP NACIONAL, pode ser de celular ou câmera,
o que vale é a criatividade. Mas lembre-se, tem que ter boa reso-
lução, porque as três melhores fotos serão publicadas na próxima
edição da Revista RAP NACIONAL e o primeiro receberá I KIT
RAP NACIONAL em sua casa, sem custo algum!

Envie sua foto para o e-mail: revista@rapnacional.com.br

Promoção Válida até dia 10 de setembro 2012



Mano Brown reassume posto

Por Toni C. | Fotos Divulgação/Preta Portê Filmes



Atenção, está no ar a rádio libertadora!

Nem o filme, nem o videoclipe precisaram estreiar para a música Marighella provocar críticas, ocupar espaços em revistas e jornais e causar pânico na playboyzada.

Não é para menos. A combinação letal de Mano Brown e Marighella da resposta a um verso entoado há anos como um mantra: “Precisamos de um líder negro de crédito popular”.

Mano Brown assistiu ao filme inteiro três vezes, gostou e não quis cobrar um centavo pelo trabalho. A trilha sonora inédita de encerramento do documentário que estreia em outubro, dirigido por Isa

Ferraz, sobrinha de Carlos Marighella, é um soco seco no estômago de quem devora caviar.

Coisas do Brasil super-herói mulato

“Você não está fazendo este filme para seus pares, quem precisa de heróis é minha gente”, Mano Brown falou à sobrinha do líder guerrilheiro.

A música virou hit na internet. Uma foto não autorizada do videoclipe, dirigido por Juliana Vicente, onde aparece Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue, KL Jay e Dexter ambientados em 1972 com trajes e armados como num aparelho de resistência guerrilheira, vazou e se espalhou rapidamente pelas redes sociais como

se fosse um panfleto subversivo em plena ditadura.

Reaja ao revés, seja alvo de inveja irmão

Os mais raivosos tentam insultá-lo de todas as formas: “tanto ele [Mano Brown] como Lula queriam ser brancos de olhos azuis”, “apedeutas”, “suas rimas sem-teto e sem-verso”, “apóstolo do ódio, pastor de bandidos que vive a cantar grunhidos para plateias de primitivos” foram comentários que lí no site da revista de maior circulação do país, também a mais mentirosa e nojenta. Não causa surpresa os comentários quando conhecemos a relação desta revista com o grupo de mídia racista que apoiou o Apartheid na África do Sul.

de comando, com Marighella



Entre as ofensas direcionada ao líder do Racionais Mc's e de quebra servem a todo rapper, pobre, preto ou morador de periferia que contraria as estatísticas está este comentário verídico: "Mano Brown é o Marighella da atualidade".

Brown comenta as semelhanças: "Alguém me falou também que em algum detalhe ele parecia comigo. Na luta dele, na ideia. Somos os dois filhos de preto com italiano e minha família também vem da Bahia."

Presta atenção que sucesso em excesso é cão

O Racionais Mc's se apresentou num festival internacional e publicaram no dia seguinte: "Como um

soco na cara, surgiu nos telões a imagem da carteira de afiliação de Carlos Marighella ao PCB. Ao lado de seu rosto, a foice e o martelo ardiam impiedosamente nas vistas de um festival que representa tudo, menos o comunismo."

Pânico na Zona Sul foi a carta de convocação para os guerreiros na periferia na década de 90. A música Marighella é o Manual do Guerrilheiro Urbano quatro décadas depois.

Indigesto como o sequestro do Embaixador

No desbaratino eles chamam Luiz Carlos Marighella de arranca pernas, corta cabeças. Nossa saga tem

sido contar cabeças e precisamos cada vez mais de gente cabeça. Corta-cabeças é Moreira César, que morreu quando achou que poderia destruir Canudos.

A gravação do videoclipe na ocupação Mauá levou força e esperança para os moradores que lutam por um teto. "Aqui é como se fosse a unha encravada da cidade, um problema que eles não tem sensibilidade de resolver como deveriam", disse Mano Brown referindo-se a ocupação Mauá, no centro de São Paulo, mas poderia muito bem estar falando sobre a Favela do Moinho, Sarau do Binho, Morro dos Macacos ou ao Pinheirinho, alvos da especulação imobiliária.

// Aqui é como se fosse a unha encravada da cidade um problema que eles não tem sensibilidade de resolver como deveria. //

“Não é o povo deles que está aqui, que vai ser despejado e morar nas ruas” afirmou Brown em defesa a luta de classes.

No mesmo período Emicida é detido em Belo Horizonte após um show por se manifestar através da música “Dedo na Ferida” em favor das famílias despejadas na ocupação Eliana Silva.

Quero ver você trocar de igual

A revista racista questiona: “e o direito da propriedade privada garantido na Constituição brasileira?” Então é necessário lembrá-los que esta mesma Constituição exige o cumprimento da função social da propriedade. Ah!

Também estabelece, na condição de direito fundamental, o direito social à moradia. Então viva a Constituição!

Estava finalizando este artigo, quando recebi a visita ilustre de Milton Sales. O ex-produtor do Racionais acompanhado com Amaral Du Corre, ambos moradores da favela do Moinho, vítima de um incêndio criminoso às vésperas do natal de 2011. Em janeiro, o ato em solidariedade aos moradores do Moinho foi palco de um reencontro entre Mano Brown que apresentou Milton Sales como seu mentor. “Deus não loteou e vendeu terra no sétimo dia. Como que o cara fala que é

dono? Dono do que meu irmão?” discursou Milton no campo de terra no centro da favela.

Perguntei ao Miltão sobre a música Marighella. Ele acompanhou as gravações do videoclipe na ocupação Mauá e resume o que viu numa frase: “Mano Brown foi fino, tudo o que espero dele é aquela postura que ele assume com a música e o videoclipe Marighella”.

Concordei, artilheiro não deve jogar na zaga. A postos ao meu general, reconduzido ao posto de comando.

Aplausos é pra poucos



DOGQUETO

original hip-hop



ENTRE NO SITE www.doggueto.com.br - FAÇA SUAS COMPRAS ON LINE
PARA INFORMAÇÕES SOBRE PRODUTOS E COMPRAS POR ATACADO
doggueto@gmail.com tel : (27) 32072098 (27) 99952572

RUA DO ROSÁRIO, Nº 78, ED NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - SALA 64
CENTRO - VITÓRIA - ES CEP: 29.016-095 enviamos para todo o BRASIL





Compre pelo site
beatzshop.com.br



.BEATZ SHOP

Rua 24 de Maio N°62
Sub-solo, Loja 50
Tel: (11) 3338-1298

Av. São João N°439
Sub-solo, Loja 16
Tel: (11) 3333-3170

Centro - São Paulo

.BEATZ

contato@

twitter.c

facebook

Ponto oficial de toda a linha de produtos

EMICIDA
"Arua e noiz"

AXL

STAT

O "HIP-HOP SHOP" MAIS COMPLETO DO BRASIL AGORA ENTREGA ATÉ EM SUA CASA!



ZTZ CONTATOS

@beatzshop.com.br

ocom/beatzshop

kok.com/beatzshop

Entregamos para todo o Brasil
via Sedex ou Pac



OFFICIAL[®] SONY



PHILIPS



A revista **RAP NACIONAL** para tablet já está em **O Jornaleiro**

APLICATIVO
GRÁTIS



Acesse a Apple
App Store



Procure e instale
o aplicativo
O Jornaleiro



Abra O Jornaleiro
e baixe as edições

Instale agora e experimente
os exemplares gratuitos.

Powered by **Go! mobile**


O JORNALEIRO



Fernandinho Beat Box: dos Beats para as rimas

Por Cristiane Oliveira

Referência no Beat Box, Fernandinho, agora ingressa para o mundo dos MCs. Aquele que já utilizou seu dom para dar beat às músicas de vários artistas brasileiros aposta desta vez no talento solo e lança o primeiro disco da carreira.

“Caminho Estreito”, é por este caminho e escolhendo este título que Fernandinho dá o pontapé inicial a uma nova fase de sua vida. O CD tem como foco principal levar uma mensagem que gere esperança de dias melhores, com mais lutas e muitas conquistas. “É um CD de rap, reggae, soul, samba com mensagens positivas. Afinal o hip-hop não é bandidagem, não é gangsta. O hip-hop é alegria, é a transmissão de mensagens de bem”, explica Fernandinho.

O CD “Caminho Estreito” vem com 15 faixas. Destaque para a música “Samba de Boca”, colagem feita com quatro diferentes batidas e mixadas formando a base. O disco conta ainda com as participações de Seu Jorge, Tati Lima e Daniel Ribeiro. A produção da obra ficou por conta de Renan Samam e DJ Caique.

O Beat Boxer que começou sua carreira no Z’África Brasil, hoje é um personagem consagrado neste inusitado “estilo” de fazer música. Fernandinho serve de exemplo para muitos que estão começando, entre os nomes da nova geração destacados por ele, temos o grupo Beat Box Brasil, que segue popularizando cada vez mais o dom de imitar instrumentos com a boca.

Intencionado em passar adiante um pouco de sua história, o mais novo MC do cenário nacional foca este CD principalmente nas letras, que foram pensadas para que sua mensagem seja levada ao maior número de pessoas possíveis. “Procurei pensar no que precisa ser falado nas rimas. Eu quero que as pessoas conheçam um pouco da minha história de vida e como eu a vejo. Quero que prestem atenção nas rimas”, finaliza.



DJ: o elemento chave

Em festas ou em grupos eles são os responsáveis por nos fazerem cantar e dançar o Hip-Hop.

Por Cristiane Oliveira

Quando Kool Herc reproduzia as músicas de James Brown no becos violentos do Bronx em resposta a guerra declarada entre gangues rivais, ele não imaginava que a arte da discotecagem ganharia o mundo.

Se antes o Disc Jockey era apenas coadjuvante, hoje ele assume o papel principal dentro e fora dos grupos. Os DJs fazem toda a diferença para o Hip-Hop e deixaram de ocupar apenas espaços nos grupos e criaram autonomia nas noites mundo afora, encararam o desafio de tocar muito Rap Nacional e agradam por onde passam.

Para mergulhar um pouco mais no universo da discotecagem a Revista RAP NACIONAL conversou com os DJs: KL Jay, Cia, King, RM, Simmone Lasdenas, Rodrigo, Naomi, Yzak (CxA) e Colorado (Flow MC). Na pauta, a importância do RAP NACIONAL nas baladas, gostos pessoais, as mais tocadas, entre outros assuntos.

Solta o som DJ!!!!



Kool Herc

RAP
NACIONAL



BOB DONASK

DJ KL JAY

Unanimidade entre os DJs, KL Jay dispensa apresentações e é citado como o melhor DJ do Brasil. Mas o mago das pick ups não se auto inclui na lista dos melhores e cita seu filho Kalfani e DJ King como os mais mais da atualidade. “Sem pressão alguma, acho meu filho ótimo e esforçado, mas o King também é demais, ele mantém a pista fervendo o tempo todo, tem muita manha”, analisa.

Nas baladas, o DJ do Racionais se mantém sempre autêntico, acredita que seu diferencial seja o arriscar-se por misturas inusitadas. “Você precisa arriscar, tocar surpresas, sair do comum e surpreender seu público. Fiz uma mistura recente de música eletrônica com RAP e o público gostou bastante”, comenta.

Os anos como DJ do maior grupo de RAP do Brasil deram a KL Jay muita maturidade e experiência, mas é quando toca sozinho que ele se sente mais livre. Sem distinguir se prefere tocar no Racionais ou fazer as festas como atração principal, KL Jay resume as duas emoções: “Tocando com o Racionais eu sou tipo um goleiro, minha

função é ficar na retaguarda, improvisar, os linhas de frente são eles. Quando eu toco sozinho é diferente, pois eu comando, tenho mais liberdade. Mas eu gosto dos dois, não tem como definir qual dos dois eu gosto mais”, declara.

Pai dos DJs Will e Kalfani, irmão do DJ Ajamu, a paixão pelos discos esta na veia familiar e o ofício sagrado da discotecagem tem feito escola na família do DJ que sempre antenado destaca nomes como: MC Flow, Don L., Flora Matos e Criolo, como rappers que ele tem ouvido atualmente.

Para manter a efervescência nas pistas ele aposta em muito RAP NACIONAL, o estilo que já foi muitas vezes banido das baladas por ser considerado muito violento, ganha cada vez mais espaço, sem deixar que somente músicas gringas dominem a pista. “Cada lugar é de um jeito e tem uma energia diferente, o DJ precisa sacar isso, se tem mais mulheres, mais homens, se a maioria do público é negro, se as pessoas conhecem de música ou não. Eu sou um DJ que só toco o que eu gosto, antes de agradar o público o DJ precisa agradar a si mesmo, jamais tocarei o que eu não curto, já arrumei

até briga por isso (risos)”, relembra.

Na lista das três mais, aquelas que levantam qualquer balada, KL Jay destaca: Helião e Negra Li, com a música Exército do Rap, Racionais MCs na unanime Capítulo 4 versículo 3 e Kamau, com o som A quem possa interessar. “Os clássicos ainda prevalecem, são músicas que voltam na mente das pessoas”, analisa.

Sem definir padrões quanto ao que é considerado bom ou ruim pela grande massa do RAP, KL Jay, acredita que música boa precisa ser feita com o coração, envolvendo mais que notas, acordes, bases e rimas. “Cada um tem sua opinião e necessidade. Eu creio que música boa toca em qualquer lugar, quando ela é feita com alma, coração real e verdadeiro. Tem muita música comercial boa, assim como tem muita música ruim, tudo depende”, finaliza.

A frente dos campeonatos de DJs: Hip-Hop DJ e Quartz, Riscos e Batidas, KL Jay segue fazendo escola e sendo a principal fonte de inspiração para DJs e amantes de RAP NACIONAL

Acesse o site: www.djkljay.com

DJ KING



Já imaginou passar 120 horas e 19 minutos discotecando? Foi esse o desafio alcançado por Carlos Eduardo Sebastião, mais conhecido como DJ King. Depois do feito, King foi parar no Guinness World Records, o livro dos recordes, com o set mais longo da história. Durante o desafio ele tocou muita Black Music e o RAP foi sua preferência.

Com a grande gama de diferentes músicas produzidas diariamente no RAP NACIONAL, nos deparamos com experimentações musicais variadas, alguns as definem entre gangsta, underground, pop e outras categorias, outros preferem dar a todas as maneiras particulares de rimar, o título de RAP. King usa a tática da percepção para saber que tipo de RAP tocar em cada festa “Cada lugar um lugar. Existem públicos variados em todos os lugares, eu procuro fazer uma leitura do público a minha frente e faço um set que envolva o maior número de pessoas possível naquele ambiente”, explica.

“A música precisa ser boa, ter conteúdo onde as pessoas se encaixem na letra e o beat com um tom agradável e audível”. Quer fazer parte do set do DJ King? Esta é a receita! Ele declara ouvir de tudo, mas só leva para a pista o que realmente acredita, já seu gosto pessoal gira em torno de músicas como Jazz, R&B e MPB.

A rotina de festas que King toca é muito intensa, a prova de todas as noites de trabalho do DJ foi registrada em um anuário, feito no ano de 2010. Na ocasião ele reuniu fotos de todos os eventos que participou no ano anterior, com um total de 257 apresentações.

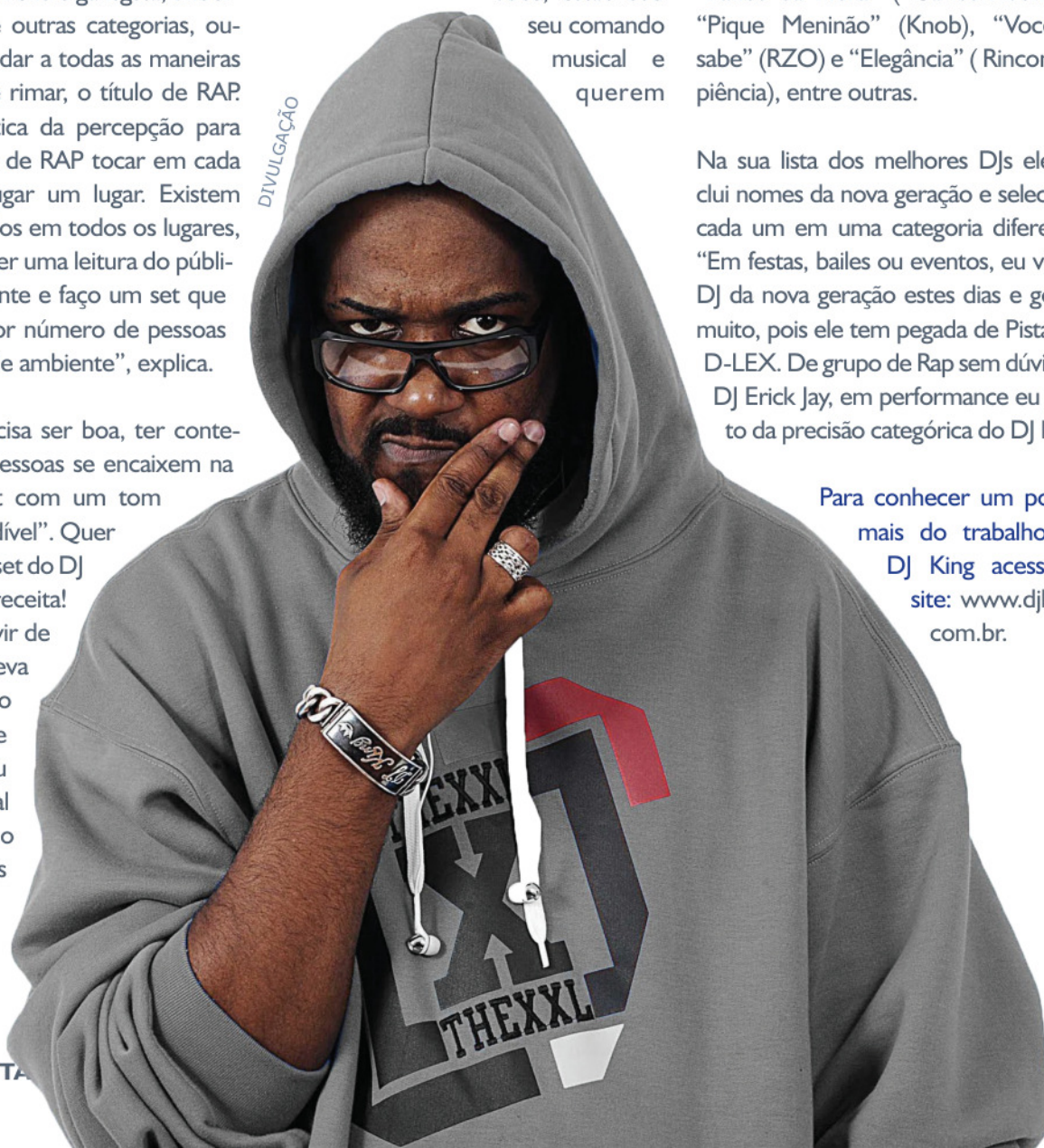
Para King, tocar nas pistas se difere do trabalho feito ao lado de grupos onde ele participa como convidado, principalmente no quesito comando. “Na pista você tem que comandar uma cabine de som ou palco em carreira solo, as pessoas esperam o melhor de você, estão sob seu comando musical e querem

se divertir e dançar. Já no grupo o comando é do grupo, mas você precisa ser sagaz para não prejudicar ninguém, você tem um set list específico”, diz.

Além de DJ, King também é produtor musical, músico e hitmaker, com a técnica de ritmar as músicas ele deu uma nova roupagem a RAPs que tinham um beat suave e ganharam contornos mais rápidos e dançantes em sua mãos, assim ele inseriu nas baladas músicas como: “Bonde não para” (MV Bill), “Jaçanã Picadilha” (Relatos da Invasão), “A Dama e o Vagabundo” (Nathy MC), “Panos da Hora” (Carlos Avont’s), “Pique Meninão” (Knob), “Você já sabe” (RZO) e “Elegância” (Rincon Sapência), entre outras.

Na sua lista dos melhores DJs ele inclui nomes da nova geração e seleciona cada um em uma categoria diferente. “Em festas, bailes ou eventos, eu vi um DJ da nova geração estes dias e gostei muito, pois ele tem pegada de Pista, DJ D-LEX. De grupo de Rap sem dúvida o DJ Erick Jay, em performance eu gosto da precisão categórica do DJ RM.

Para conhecer um pouco mais do trabalho de DJ King acesse o site: www.djking.com.br.





DIVULGAÇÃO

“Na minha opinião todo lixo que se toca nas rádios é reflexo do que se toca nas baladas”, é assim, pegando a responsabilidade para si e dividindo ela com os demais DJs que Cia explica a importância do DJ selecionar com precisão seu set.

Defensor da inserção do RAP NACIONAL em baladas, ele foi um dos primeiros a acreditar que as músicas feitas em terras tupiniquins tinham qualidade e deveriam sim estar nas pistas “Quando comecei tocar nas baladas eu já estava envolvido com o RAP, com a cultura e foi aí que resolvi bater de frente com o que eu via. Não se tocava nacional nas baladas, então me achei no dever de tocar. Lógico que tocava também outros sons, músicas dos antigos bailes de nostalgia” explica.

Cia ganhou destaque no consagrado grupo RZO e ao lado de Sandrão, Heilião e Negra Li rodou o Brasil. Agora em seu trabalho solo continua com o mesmo pique, tocando em diversas casas noturnas. Para compor todo seu talento Cia teve alguns professores e demonstra gratidão a KL Jay, pela inspiração, vê no DJ Hum um grande mestre e dá a King o título de parceiro nas ideias. Cia ainda destaca Erick Jay e DJ RM por serem representantes da discotecagem brasileira pelo mundo, mas, é seu pai, DJ Alemão, quem recebe os maiores créditos: “Agradeço ao meu pai, por me mostrar boas músicas”, cita.

Fazer magia com as mãos, sem truque ou qualquer efeito especial, é isso que Cia faz quando assume as pick ups. “Na pista muitas vezes as pessoas foram apenas para beber ou conhecer



peças. Então você precisa administrar a magia de fazê-las perceberem que há um DJ tocando músicas boas e que existe algo a mais. Em muitos lugares se você não tocar bem, nem vão perceber que tem um DJ, diz.

Tentando emplacar hits nos sets dos DJs, muitos grupos fazem músicas mais dançantes para tocar na noite. Para Cia isso é algo em vão, porque seja a música lenta ou rápida o que precisa é ter sentimento e ser boa. Ele acredita que o que manda é a música em si e não apenas o ritmo que ela leva e cita alguns exemplos: “O Trem”(RZO), “Pretin” (Flora Matos) e “O Homem na estrada” (Racionais MCs). “Essas são músicas lentas, mas se você tocar em qualquer balada as pessoas vão curtir”, define.

“Muitos DJs não tocam nacional nas baladas”, lamenta Cia, também conhecido como o “Vilão dos Toca-Discos. A dificuldade de levar músicas nacionais para a pista já foi vencida por muitos DJs, mas algumas casas noturnas ainda resis-

tem a este tipo de música, na maioria das vezes por imposição do proprietário, Cia pontua a necessidade dos DJs influenciarem o público a ouvir nacional na balada e defende a Região Sul do país, como sendo um dos locais onde mais se toca RAP NACIONAL. “Conheci várias pessoas por lá, amigos DJs e que tinham programas nas grandes rádios como DJ Piá, Nitro Di e DJ Naomi. Essas pessoas ajudaram muito pedindo sons e tocando em seus programas e nas festas onde passavam isso foi muito bom para o RAP NACIONAL ser consumido na noite e nas rádios”, finaliza.

DJ Cia, pode ser facilmente encontrado pelas noites brasileiras, produziu recentemente um remix de um som com Sabotage e 2pac, também é o responsável pela música mais comentada nos últimos tempos, Mariguella, do grupo Racionais MCs.

[Acompanhe DJ Cia no Facebook: DJ CIA.](#)

DJ RM

Citado como um dos melhores do Brasil por King e Cia, DJ RM vem à mente quando o assunto é performance. Campeão do DMC Brasil 2008, leva o nome do RAP NACIONAL para o DMC Word em Londres desde então, em 2011 foi vice-campeão mundial ao lado de sua crew de DJs “Clã Leste”, esses são apenas alguns dos prêmios conquistados por Rodrigo Antônio Mello.

Mas quem pensa que RM é apenas DJ de Performance se engana, o título não o incomoda mas cria um rótulo e rótulos nem sempre são bem quistos. “Me rotulam de ‘DJ de performance’, acho que é por isso que não me chamam muito para festas, devem achar que não sei virar músicas, (risos)”, desabafa.

Para RM o público precisa ser melhor educado musicalmente e acredita que na maioria das vezes o gosto musical das pessoas são por músicas famosas, deixando as novidades de lado. Em seu play list pessoal estão Legião Urbana, Cazuza, Soul, Música Brasileira e RAP. Mas ele confessa que ouve de tudo um pouco e apoia os grupos que fazem músicas pensando no mercado. “É bom os grupos pensarem assim, mas eu prefiro fazer a minha própria versão das músicas que já existem, tem muita música de agora mais dançante que são boas também. Quanto mais dan-

çante melhor pra nós DJs”, explica.

Sem pestanejar, direto e reto ele lista as três músicas que fazem qualquer festa ficar eletrizante: “Um bom Lugar (Sabotage), Nego Drama (Racionais MCs) e A Fuga (Xis). No meu set quando toco essas, o povo canta junto”, cita RM, que entre os DJs entrevistados foi o único a responder com precisão sua preferência por ser DJ de grupo ou de festa. “São coisas distintas né? Mas gosto mais de tocar com grupo”, declara.

Devoto de KL Jay, o cita como o melhor na lista dos melhores DJs do Brasil e inclui ainda Craze, A-Track, Dexta, Netik, Noize, Kentaro, Erick Jay, King, Cia, Negro Rico, Hadji, Nuts e Basim.

Neste momento RM se prepara para mais uma vez representar o Brasil no DMC Word, ao mesmo tempo aproveita para ensaiar sua performance para o Campeonato “Quartz, Riscos e Batidas”, uma competição organizada por KL Jay, da qual ele já está na final que acontece em outubro.

Acompanhe o DJ RM
pelo Facebook : Djrm Brasil.

DJ RODRIGO

RAP NACIONAL a Samba rock, passando por flash back e melodias para dançar coladinho, assim é a play list de DJ Rodrigo, que após dez anos ao lado do grupo Inquérito se dedica a seu trabalho solo como DJ.

A cada dia vemos novos MCs se destacando e estilos diferentes de rimar o mesmo RAP e na noite Rodrigo acredita que há espaço para todos. “Vai muito dos lugares em que você toca. Na periferias gostam de escutar músicas que retratam o cotidiano deles. Você percebe aquela excitação pública no meio da festa quando isso acontece. Tem outros lugares que rola certa diferença. As rádios influenciam bastante também, então você acaba tendo mais versatilidade para tocar e mesclar um pouco de tudo”, explica.

Entre tocar em grupos ou fazer seu trabalho solo, Rodrigo diz que adora os dois e define que a atenção quando se trata de grupo precisa ser redobrada, já que o MC depende exclusivamente do trabalho do DJ para a música sair perfeita. “Em um grupo a preocupação deve estar voltada para cortes, mapas



LUCIANA FARIA

DJ SIMONE

Lasdenas

Simonne está na lista dos DJs que citam KL Jay como o melhor do Brasil, ela que foi da extinta crew de DJs Applebum acredita que o fato dos grupos começarem a pensar mais em fazer músicas para balada é uma facilidade maior na vida dos DJs. “É sempre bom ter uma música para tocar em festa, independente do gênero, tiro e mortes vendem para um público, assim como algo mais leve que fale sobre amor e diversão vende para outro público, tudo é válido”, destaca.

A DJ Paulistana faz um trabalho ao lado da rapper Amanda Negra Sim, que lançou recentemente o clipe da música “Amor ao Rap”, Simonne que sempre tocou em grupos, encontra um ponto de equilíbrio entre discotecar para grupo e fazer solo em festas. “Acho que todo grupo necessita de um DJ, pois ganha mais corpo, mas, eu sinto muito a necessidade de tocar solo também, porque conseguimos tocar as pessoas por meio da música, os dois são importantes pra mim”, analisa.

As 3 mais de DJ Simonne Lasdenas:

Pepeu - Nome de menina

Sabotage - Rap é Compromisso

Dina Di - Várias músicas

nas horas certas, scratch, colagens, a altura da base, grave, médio, agudo e atenção total para não soltar um instrumental atrasado. Já nas festas o que o DJ precisa estar atento é em não deixar o clima cair, tocar a música certa na hora certa, falar com o público por meio do som que você solta”, analisa.

Atualmente Rodrigo trabalha em uma mixtape especialmente voltada para pista, esta preocupação de produzir músicas que levem ao mesmo tempo consciência e entretenimento, tem sido um diferencial entre os grupos de RAP. “Muitos artistas já vem pensando em músicas para tocar em baladas e isso é muito bom, pois é possível cantar um assunto com seriedade em um base de pista. MV BILL faz isso muito bem e une o útil ao agradável”, comenta.

As 3 mais de DJ Rodrigo

Sabotage - Um bom lugar

Racionais MC's - Vida loka parte I

Realidade Cruel - Dia de visita



MÁRCIO SALATA

DJ YZAK CXA



Da cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, o grupo de RAP Consciência X Atual, tem em sua carreira seis CDs lançados, que são eles: Tráfico de Ideias, Contos do Crime, A Ressurreição, Obra de Arte, A Sequela e Honra ao Mérito, este último lançado em 2011 com diversas participações especiais e em formato duplo.

A frente deste trabalho está o DJ Yzak, que se inspira em KL Jay e DJ Hum e na hora de riscar não dispensa um bom RAP NACIONAL, mas nas horas vagas gosta de ouvir

Keith Sweat, Isley Brothers, Isaac Hayes e Karyn White.

Yzak acredita que os grandes clássicos do RAP NACIONAL já poderiam vir com versões pensadas para as pistas, julga ser essencial levar o RAP NACIONAL para as baladas e fazer com que o público dance ao som de Sabotage e Racionais MCs. “Acho que todos os grandes hits de RAP NACIONAL deveriam ter versões para os DJs, enquanto isso não acontece vamos brincando com os remixes”, diz.

A preocupação em produzir sons

voltados para as pistas pode ser por vezes uma necessidade natural da evolução musical ou simplesmente uma preocupação comercial, este paralelo de interesses divide a opinião dos DJs. Yzak faz parte do time dos que acreditam se tratar apenas de evolução natural, em suas palavras ele define como um estágio de expansão e fortalecimento da cultura.

As 3 mais do DJ Yzak

Racionais MCs - Homem na estrada
509 E - Oitavo anjo
Consciência X Atual - Recanto obscuro

Nosso papel vai muito além do impresso...
Portal Rap Nacional

Revista - Site - TV - Rádio - Loja

13 anos de credibilidade
35 mil visitas por dia



DJ COLORADO

Há oito anos com a mão nas pick ups, DJ Colorado hoje se apresenta ao lado do rapper Flow MC que vem se destacando no RAP NACIONAL.

O interesse pelos bolachões surgiu quando o DJ assistiu uma fita VHS de uma edição do DMC, desde então Colorado vem se aperfeiçoando na arte da discotecagem.

Na balada seu repertório é composto por: Underground, R&B, Dirty

South, Ragga, Gangsta, Hip House, Samba Rock e Reggae, a mescla é para Colorado o ponto alto da discotecagem. “A mistura é positiva e necessária. Desde a pessoa que vai para escutar o que gosta até aquelas que vão atrás de novidades. E isso dá para perceber facilmente nas reações, o momento quando chegam ou saem da pista, a forma com que dançam, as expressões faciais”, explica.

Mesmo sendo DJ, Colorado não acredita que o RAP comercial, feito especialmente para as baladas, seja um ponto muito importante para o Hip-Hop. Ele acredita que a causa seja maior e que o RAP vai além, suas necessidades enquanto estilo musical saem do campo comercial, passam para um patamar sentimental, onde quem faz música pensa inicialmente em passar o que sente e depois fazer dançar.

DJ NAOMI

DJ Naomi é um dos representantes do Sul do país quando o assunto é discotecagem, avesso a predominância do RAP Gringo o DJ procura introduzir RAP NACIONAL por onde passa.

Residente em algumas casas e já tendo tocado nos lugares mais badalados da “Ilha da Mágia, como é conhecida Florianópolis, Naomi assumiu a alcunha de tocar RAP NACIONAL. “Em Santa Catarina o público no geral aceita bem os diversos estilos. O que predomina é o RAP gringo mas o RAP NACIONAL e seus novos artistas tem feito isso mudar e hoje em dia se ouve muita mais nacional de qualidade nas pistas”, explica.

Já citado por DJ Cia como um dos responsáveis por levar RAP NACIONAL para as pistas do sul do país, Naomi não dispensa elogios a Cia e evidencia seu trabalho valorizando principalmente o fato do DJ ser adepto a músicas brasileiras. “Destaco o Cia pois ele é um DJ que sempre deu preferência em tocar RAP NACIONAL na pista que é também uma das minhas referências como DJ”, comenta.

Na efervescência da pista ele toca: Flora Matos, Racionais MCs, Sabotage, MV Bil e RZO, na calmaria de seu lar ele ouve: Seu Jorge, Currensy e James Ventura, apostando na velha métrica de sucesso onde música boa é música boa, independente do estilo.

Atualmente Naomi toca ao lado de MC Eltin e pode ser facilmente encontrado nas principais casas noturnas de Santa Catarina.

LUD LOWER



As 3 mais do DJ Colorado

Sabotage - Rap é Compromisso

Flow MC - Quartinho Obscuro

Emicida - Chegáí.



LUD LOWER

Nelson Triunfo, o pai do hip-hop nacional

Além dos passos de break Triunfo é MC e militante

Por Paula Farias

A cidade de Diadema, importante município do estado de São Paulo, já marcou o país em 1997 quando policiais foram flagrados torturando e assassinando moradores na favela Naval. E agora, lutando contra o sistema, Diadema marca a cultura hip-hop nacional com a Casa do Hip Hop.

E por uma grande coincidência do destino, foi na rua da 24 de Maio no centro de São Paulo, que Nelson Triunfo mostrava seus passos e apresentava o que era o hip-hop para muitos que mais tarde se tornariam ícones do RAP NACIONAL, como Thaíde e Mano Brown. E na também rua 24 de Maio, em Diadema, é onde fica a Casa

do Hip-Hop. E foi esse o local escolhido para nosso encontro com pai do hip-hop no Brasil.

Nelson Triunfo nos recebe com um forte aperto de mão e pede para ficarmos a vontade, mas nem era preciso porque já estávamos nos sentindo em casa, cercados de graffiti, jovens ensaiando passos de break, DJs riscando nos toca-discos. Enfim, a arte do hip-hop sendo praticada na sua essência.

E foi na Sala do Conhecimento, com livros, trabalhos e documentários sobre a cultura hip-hop que começamos a conversar. Fotos raras também ambientavam o local, uma delas de Nelson Triunfo acompanhado de James Brown, mas Zum-

bi, Tupac, Notorious Big também estavam por lá.

A trajetória artística e cultural de Nelson Triunfo é reconhecida tanto no Brasil como no exterior. Nas décadas de 70 e 80 foi um dos principais dançarinos de soul e funk de raiz. Também foi um dos primeiros difusores da cultura hip-hop e incentivador do uso dela como instrumento de educação e reinserção social. Os anos de dedicação a cultura hip-hop foram reconhecidos em 2008 quando ele recebeu o título de comendador da Ordem do Mérito Cultural, reconhecimento máximo do Ministério da Cultura.

Aos 57 anos de idade, Triunfo continua a mil por hora e divide seu tempo entre oficinas, palestras, shows da Funk & Cia, ou Triunfo e Convidados, que reúne os quatro elementos e workshops.

Sobre as palestras Nelson faz questão de alertar. “Às vezes nós falamos demais, precisamos ser mais objetivos. É importante contemplar o público com as trocas de ideias, não podemos só ficar falando, temos que ouvir também”, declara.

E são com esses trabalhos que a cultura vai se espalhando. “Adoro fazer palestras sobre a trajetória do hip-hop e também da black music.

ARQUIVO PESSOAL



Nelson Triunfo e o grupo Funk & Cia em 1978 na Praça da Sé/SP



Muitas pessoas falam que eu sou pioneiro do hip-hop no Brasil, mas esquecem de que eu também sou o pioneiro da black music, dos primeiros bailes backs. Em 1972, quando ainda morava no nordeste, fundei meu primeiro grupo de dança chamado os Invertebrados”, relembra Nelson.

No início da década 80, ainda durante o Regime Militar, Triunfo dançava na rua 24 de Maio e junto com seus companheiros levava conscientização em forma de dança e despistavam os agentes da repressão. “Nós enganávamos eles porque ficávamos falando da dança e da arte. Isso era bom porque se tinha uma roda de pessoas já aparecia alguém para saber o que estava acontecendo. Como nós éramos coloridos com nossas roupas, eles nos tratavam como vadios. Eu dizia que era arte, mas eles achavam vagabundagem eu era o que mais ia preso (risos)”, recorda Nelson.

E sobre a união dos quatro elementos do hip-hop Nelson Triunfo é categórico. “Eu não acho necessário que os quatro elementos sigam sempre juntos. É

claro que eventos em que todos os elementos participam são importantes, mas em alguns momentos será a hora do MC, do grafiteiro, ou então alguém pode precisar apenas de um DJ. O fato de estar sozinho não quer dizer que eu não posso falar dos demais elementos. Nós podemos nos contemplar e citar os demais elementos, mesmo sem estarem todos juntos”,

Questionado sobre o “quinto elemento”, que para muito seria a literatura marginal, Nelson afirma que há apenas complementos. “O quinto elemento não existe, agora se fala da literatura marginal, antigamente alguns falavam que era o skate, o basquete de rua. Mas, não existe o quinto elemento, o que vem a se juntar a nós são complementos”, afirma o pai do Hip Hop nacional.

Já sobre as políticas públicas voltadas ao hip-hop Nelson proclama. “O hip-hop foi a primeira cultura que ajudou o Brasil a se desenvolver e trabalhar com aqueles que foram os mais atingidos pelo sistema e jogados à margem da sociedade. O governo Lula abriu muitas por-

tas, mas o hip-hop, as entidades e ONGs já tinham um trabalho sendo realizado, o que ajudou muito o governo”, afirma Nelson.

Apesar de todo o trabalho desenvolvido pelos ativistas do hip-hop, muitas pessoas ainda desconhecem o real significado da cultura. “Falta ensino de qualidade. Eu faço muitas palestras nas universidades e quando eles observam meu filho de oito anos dançando por exemplo, muitas pessoas falam: “Nossa! Eu não sabia que era assim o hip-hop”. As pessoas não tem conhecimento e julgam sem saber. Quando eu fiz o programa Troca de Família, todos os arte educadores da Casa do Hip-Hop falaram falaram que após o programa as oficinas bombaram de alunos. Muitas mães falaram que não traziam seus filhos porque tinham preconceito, mas depois que assistiram o Troca de Família mudaram de ideia. No programa em que eu participei fizeram tudo corretamente, porque teve outros em que houve muitas bobagens e expressões pejorativas”, analisa Nelson.

Em relação as misturas dentro do hip-hop,





Nelsão manda o recado. “O hip-hop é a diversidade de culturas, cada um tem sua técnica de trabalhar, o MC tem várias formas de cantar, assim como o DJ de tocar, o b.boy de dançar. Seja MC, DJ, grafiteiro ou B.Boy, nós podemos colocar a nossa cara de pernambucano, de paulista, de tupiniquim. Misturar a capoeira, o frevo, o maracatu, dar a nossa cara tropical”.

Já para aqueles que pensam que o hip-hop não pode cobrar pelo seu trabalho, que devemos viver de voluntarismo, enquanto muitos enriquecem as nossas custas, Nelson dispara. “O hip-hop também é uma profissão, temos que nos profissionalizar e receber pelo nosso trabalho. Caso contrário o hip-hop vai nos perder para um carrinho de pamonha. Porque o jogador perna de pau pode receber e nós não podemos?”, questiona.

Há anos Nelson Triunfo carrega o título de pai do hip-hop no Brasil, mas ele mesmo prefere não se prender a este título. “A responsabilidade de ser o pai do hip-hop no Brasil eu aprendi a descarregar

os pesos, eu sou Nelson Triunfo, se eu fiz isso, eu procurei fazer bem feito, mas sem me prender a nada. Porque ser o exemplo para os outros é f.....”, comenta.

Além de exemplo como dançarino, Triunfo também é MC e gravou a primeira música em 1977. Em 1990, lançou o LP “Se Liga Meu”, com a Funk & Cia. Agora ele se prepara para lançar o primeiro disco solo. “Eu estou em um momento de querer me libertar um pouco desse carimbo da dança”, comenta.

O novo disco, que terá cerca de 13 faixas, já recebeu o nome de “Do Soul ao Hip-Hop o Acumulado”. A previsão é que o CD chegue às ruas ainda esse ano. “Esse é o meu novo projeto, que foi se desenhando. Eu já venho cantando até junto com o grupo Matéria Rima, que é do Funk & Cia. Eu estou há mais de 40 anos dançando, meus joelhos já não são mais os mesmos. Agora eu estou partindo para um novo elemento o MC, que eu já fazia, mas a dança dominou por um bom tempo”, comenta.

E o público pode se pre-

parar para muitas surpresas. “Eu vou mostrar que Nelson Triunfo não é só dança, não é só cântico ou letristas. Eu vou mostrar que o Nelson Triunfo é muitas outras coisas além de cidadão, é um matuto que veio da roça. Lá eu era matuto e aqui na cidade eu sou mano”.

A trajetória de Nelson Triunfo será contada através de um documentário que esta sendo gravado e vai se chamar “Triunfo”, assim como a biografia “Nelson Triunfo - Do Sertão ao Hip-Hop”, ambos com lançamento previsto para 2012.

Nelson Triunfo se renova e evolui junto com a cultura. Tanto que o hip hop e ele se completam. “O Hip Hop abriu uma grande porta para o mundo e hoje somos livres para falar, dançar, questionar e usar a liberdade de expressão para mostrar ao mundo que existe o Nelsão. É importante ajudar ao próximo. Eu sobrevivi a polícia, a perseguição, à fome, já morei no inferno e no céu, tive saúde e já estive à beira da morte, mas Deus quis que eu sobrevivesse. O hip-hop esta em mim”, finaliza.

Sabotage, morreu o homem

Há 9 anos o eterno maestro do Canão continua fazendo eco pelas periferias do Brasil

Por Paula Farias | Fotos do Sabotinha Toni C. | Fotos do Sabotage Arquivo Portal RAP NACIONAL

São Paulo é a terra dos contrastes e também o lugar onde tudo começou e acabou na vida de Sabotage. Ele ficou conhecido como o Maestro do Canão, mas foi na favela do Boqueirão, também na Zona Sul de São Paulo, que Mauro Mateus dos Santos viveu os últimos anos de sua vida.

Na manhã de 24 de janeiro de 2003, quando o assassino de Sabotage apertou o gatilho e disparou quatro tiros, muitos acharam que a história do Maestro do Canão havia chego ao fim. Mas as balas de um revólver podem matar um homem, não um mito. Sabotage continua vivo e seu rosto estampado em camisetas faz com que sua presença seja marcante. Suas rimas serão lembradas por todas as gerações do hip-hop e o legado que ele construiu jamais será apagado.

Nove anos se passaram e a história de Sabotage continua sendo escrita. Um novo disco, com músicas inéditas, um documentário e um filme, são alguns dos projetos protagonizados por ele.

Sabotage teve três filhos, Larissa, Tamires e Wanderson, os dois últimos com Dalva, com quem era casado quando morreu. A família continua morando no Boqueirão e foi lá que abriram a porta da casa simples, localizada no meio da viela, para compartilhar um pouco das lembranças, saudades e novidades sobre Sabotage.

A saudade de Sabotage ainda dói no peito de milhares de fãs espalhados pelo país inteiro, mas é na casa onde eles moravam que estão as pessoas que mais sofrem com sua ausência. . “De 2003 para cá foi uma época difícil, não ficamos bem de vida, trabalhamos como pessoas

normais, mas não passamos necessidades. Tivemos que aprender a viver sem meu pai. Antes dele ser o Sabotage era o Maurinho, meu pai. Eu era pequeno, mas me lembro dele chegando em casa a noite depois dos shows, ensaiando junto com o pessoal do RZO, as visitas dos caras do RAP. A Dina Di era muito amiga dele vinha aqui em casa também. Eu mesmo só me dei conta da fama dele, depois que o vi no jornal e na MTV recebendo o prêmio. Até então ele era apenas o meu pai”, nos



nasceu o mito

9 anos sem Sabotage

confidencia Wanderson, conhecido como Sabotinha.

O Maurinho antes de virar o Sabotage e mostrar para o mundo que um bom lugar se constrói com humildade, teve que enfrentar na pele o racismo, o preconceito, a violência e opressão do sistema. Passou por debaixo de muitas catracas de ônibus, levou muito enquadro da polícia e chegou

ao ponto de ter que pagar para cantar.

Um começo difícil, doloroso, mas

que o guerreiro soube enfrentar. Sabotage era despreocupado e não media esforços para conseguir o que queria. Desde muito novo já mostrava que as barreiras foram feitas para serem ultrapassadas. “Meu pai era muito travesso, deu muito trabalho para o meu tio Deda (risos), que também já é falecido. Foi meu tio que o apelidou de Sabotage. Quando ele ainda era menor de idade e não podia entrar nas baladas ele teve a ideia de pegar a carteira de identidade do meu tio Deda e trocar as fotos para poder sair à noite. Depois de um tempo meu tio descobriu, ficou bravo, reclamou muito e falou que ele só fazia sabotage. Depois disso o apelido pegou e os meninos da rua também começaram a chamá-lo assim. Meu pai acabou gostando do apelido e assim que surgiu o vulgo

Sabotage”, relembra Wanderson.

E o menino travesso da zona sul conquistou seu espaço no RAP NACIONAL de forma avassaladora. O talento misturado com a humildade e o sorriso acolhedor se espalharam rapidamente.

Cantor, compositor e ator, Sabotage era muitos em um só, compôs dezenas de músicas e algumas se tornaram hinos pelas periferias do Brasil. A arte de Sabotagem continua sendo usada por vários artistas em forma de samples, colagens e scratches de suas músicas.

O maestro do Canão chegou a um nível de sucesso tão imenso, esbanjando o verdadeiro talento vindo da periferia que nem a grande mídia conseguiu camuflar seu brilho. Sabotage teve várias aparições na mídia, entre matérias, entrevistas, partici-





pações em programas de televisão. Em uma época onde o RAP NACIONAL praticamente era ignorado pela imprensa, Sabota com toda a sua negritude e talento, soube ir e mostrar para o sistema o que era o RAP NACIONAL, maior expressão musical das periferias brasileiras, e provou que respeito é pra quem tem. “Depois que ele participou dos filmes Carandiru e Invasor e das grandes participações nas músicas do B. Negão, Charles Brown Junior, entre outros, a mídia voltou os olhos para o meu pai. Ele era muito humilde, podia ir ao Morumbi, Perdizes, onde quer que fosse. Ele não ligava se o cara era favelado ou playboy. Ele trocava ideia com todo mundo, ele tinha um coração doce com as pessoas”,

comenta Sabotinha.

Um dos mais promissores rappers brasileiros que andava pelas ruas com a cabeça erguida e o coração tranquilo, não teve tempo de perceber que o ser humano é traiçoeiro e pode chegar mascarado por trás. Foram quatro tiros pelas costas e o último suspiro de quem a partir de então deixava de ser carne e osso para se tornar um mito do RAP NACIONAL.

Sabotinha era apenas uma criança quando tudo aconteceu, mas lembra-se muito bem. “Eu fiquei sabendo pela televisão. Quando vi a notícia até pensei que era engano, que estavam confundindo meu pai com outra pessoa. Então eu liguei para minha mãe

e ela já estava no Hospital São Paulo. Nesse momento comecei a chorar e quase entrei em depressão. Muitos dizem que foi vingança, acerto de contas, mas foi à inveja que matou meu pai. O Datena falou coisas que não eram verdades, até no programa de Frente com Gabi ela falou mentiras. As pessoas acham que foi por causa de drogas que ele morreu, mas não é verdade, foi à inveja que motivou o crime”, desabafa. O enterro de Sabotage reuniu cerca de 4 mil pessoas, entre rappers, artistas, fãs, e imprensa. Uma multidão foi se despedir do maestro do Canção que a partir de então entraria para o seleto grupo dos eternos.

Não estamos exagerando quando afir-



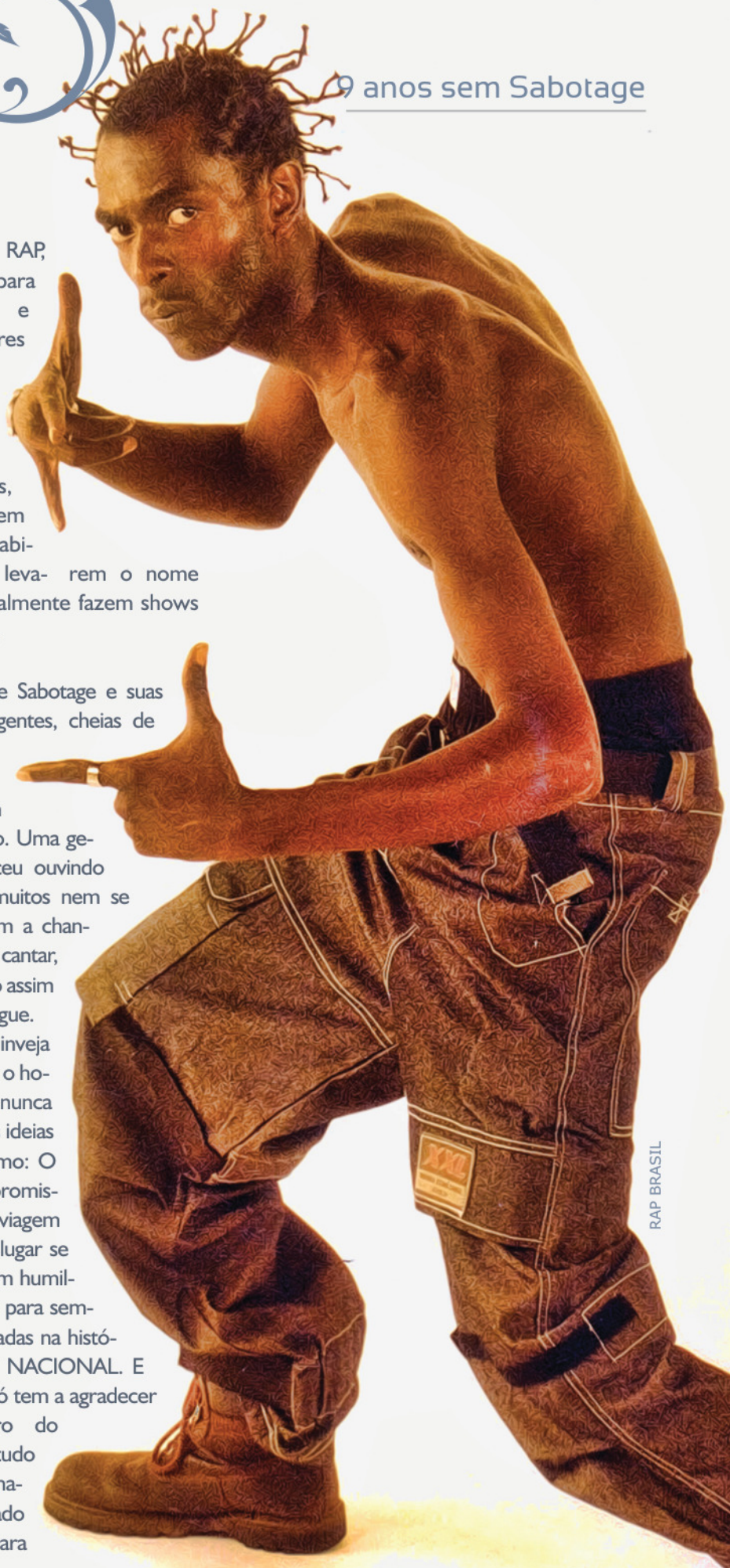
mamos que Sabotage virou uma lenda, mesmo após nove anos de sua prematura partida o rapper continua fazendo eco e permanece pulsando cada vez mais forte. "As pessoas sempre perguntam das músicas, o que eu ando fazendo, quando terá novidades do meu pai. É pela humildade e talento que meu pai é lembrado e considerado até hoje. Ele foi um dos melhores MCs que o Brasil já teve. Até hoje vou aos shows de RAP e sempre tocam músicas dele, sempre tem alguém usando uma camiseta com o nome dele. Eu fico orgulhoso, afinal ele é eterno. Até me arrepio só de falar", desabaфа Sabotinha, com os olhos cheios de lágrimas.

Se para os fãs que até hoje se lembram, cantam as músicas e vestem a camisa foi difícil a dor da perda, esse sofrimento é muito maior para a família de sangue. "Imagina o dia dos pais, você liga a televisão e só tem comercial de pais e filhos juntos, você vai ao parque, restaurante a mesma coisa, os filhos e os pais juntos, aí a dor aperta o coração entende?. Crescer sem pai é terrível, mas eu penso assim que ele foi viajar, que ele tá viajando para tentar não sofrer tanto. Porque se não a mente fica só pensando bobagens e isso não faz bem", finaliza Sabotinha.

Rappin Hood e Sandrão RZO foram os responsáveis por resgatar Sabotage para o RAP e até hoje são amigos e sempre que possível ajudam a família. O eterno Sabota que se inspirou primeiro em seu irmão Deda, que também

cantava RAP, deixou para Sabotinha e para Tamires o amor pelo RAP. Tanto que os dois irmãos, que sabem da responsabilidade de levar o nome do pai, atualmente fazem shows e palestras.

O nome de Sabotage e suas rimas inteligentes, cheias de ensinamentos, continuam fazendo eco. Uma geração cresceu ouvindo o rapper, muitos nem se quer tiveram a chance de vê-lo cantar, mas mesmo assim a história segue. Porque a inveja pode matar o homem, mas nunca matará suas ideias e rimas como: O rap é compromisso, não é viagem e um bom lugar se constrói com humildade, estão para sempre eternizadas na história do RAP NACIONAL. E o hip-hop só tem a agradecer ao maestro do Canão por tudo que foi ensinado e deixado marcado para sempre.





O LEGADO DE SABOTAGE CONTINUA

Sabotage escrevia músicas com imensa facilidade, afinal o RAP corria no sangue e deixou várias letras inéditas gravadas. O novo disco, com 14 faixas, será lançado em janeiro de 2013 num tributo aos 10 anos sem Sabotage.

O disco terá participações especiais de peso: B. Negão, Charlie Brown Jr, Racionais MCs, RZO, Rappin Hood, Ao Cubo, MV Bill, Sistema Negro, SNJ e Ndee Naldinho, são algumas delas. As músicas deste novo trabalho já estão prontas, restando apenas pequenos detalhes. Todas as letras são de autoria de Sabotage, algumas partes

há registro da voz dele cantando e nas partes que ele não pode gravar, entram as participações.

Um documentário sobre a vida de Sabotage também está previsto para ser lançado no próximo ano. O vídeo, que está sendo produzido por Ivan 13 Produções e se chamará "Mauro Mateus dos Santos o Sabotage", terá um depoimento inédito de Sabotage e também entrevista com diversos rappers que acompanharam

a carreira do Maestro do Canção. Outra novidade é um filme que será dirigido por Walter Carvalho, que já fez o documentário "O Início, o fim e o meio", sobre a vida de Raul Seixas. A ideia surgiu do produtor de cinema Denis Feijão e do ator Daniel de Oliveira. A ponte entre a produção do filme e a família de Sabotage foi feita por Rappin Hood que os levou até a favela do Boqueirão para apresentar a proposta, que foi aceita pela família. Algumas reuniões sobre o filme já foram realizadas e as gravações devem começar em breve.





Função RHK é o nome do grupo liderado por Tom e Koé e revelado por He-lião, Sandrão e DJ Cia, que assim como Sabotage, DBS e Negra Lee são representantes da Família RZO e torre da Família Wu-Furmigueiru, que também representa a Wu-Brasil, comandada por Sandrão RZO, representante do Wu-Tang Clan no Brasil.

O grupo Função RHK estorou em 2006 quando lançou o primeiro álbum “Eu Amo Você”, que teve produção musical de DJ Cia e produção executiva de Sérgio Escada, líbero da Seleção Brasileira de Vôlei. Músicas como “Segura US B.O., Chic e a faixa título do disco “Eu Amo

Você” continuam sendo tocadas até hoje, inclusive no Programa Espaço Rap, da 105 FM.

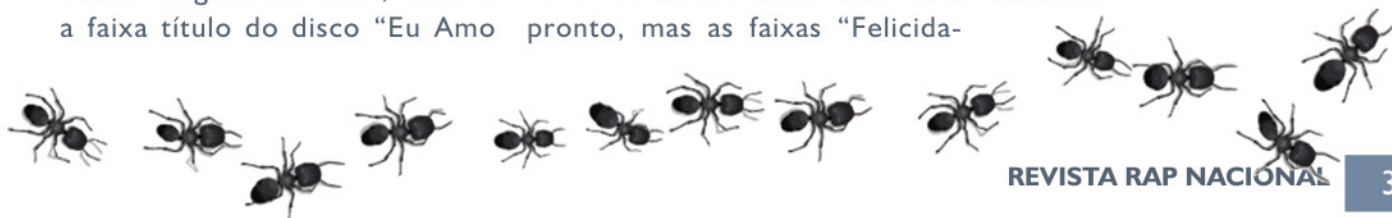
Para 2012 o grupo prepara “A Invasão das Furmigas...”, segundo álbum da carreira. DJ Cia, DJ Célo, DJ Pudim, DJ Duck Jan, DJ MK, Nitro Di, Ernani 2MS, DJ Lê Megabits, Móck e Sem Grana são alguns dos produtores que participam deste novo trabalho, que também chega recheado de participações, entre elas: Sandrão RZO, Rappin Hood, Mano Axé (Império Z/O), Calado, U-Inverso e Digital Fox (Wu-Furmigueiru), Negro Wando, Thaís Barros, Elias e Gúy.

O novo disco ainda não está pronto, mas as faixas “Felici-

des”, “Tem Qui Tê” e a “História das Furmigas já ganharam videoclipes que estão disponíveis no Youtube. Essas músicas também integram o repertório de shows do grupo que está percorrendo o Brasil com a turnê de pré lançamento. Tom e Koé viajam acompanhados por um time de peso formado por Dj Rherison, Matraka, Gúy, Divolts e Elias, além das apresentações eles batizam novos representantes da família Wu-Furmigueiru.

Shows FUNÇÃO RHK

ID 126*60375 / 9756-1976 vivo / 5348-7183 tim / com ROBSON .
E-mail funcaorhk@hotmail.com
Facebook funcaorhkweeba@hotmail.com



Tijolo Crew:

Três elementos
do hip-hop
no mesmo palco

LUCAS RIBEIRO



Por Cristiane Oliveira

Um MC, um DJ e um B. Boy, é com esta formação que a Tijolo Crew pretende evidenciar uma nova maneira de fazer hip-hop.

Quando o MC JF, o beatmaker e produtor musical Rodrigo Dhakor e o dançarino Gabriel Bila, se uniram logo perceberam que ti-

nam em comum muito mais que a paixão pelo hip-hop. A ideologia comum aos três, que deu vida a Tijolo Crew, prega a construção de um grupo de peso, tijoladas, seja no ritmo, no flow, na dança ou informação. "Somos um tijolo nessa muralha chamada sociedade, construindo para chegar ao objetivo", sintetiza JF.

A Crew lançou recentemente o single homônimo e se encontra em estúdio para a produção do primeiro EP, que promete batidas pesadas e virá recheado de novas formas de se pensar a arte cultural hip-hop.

Mais informações: Fan Page no Facebook: Tijolo Crew – Email: tijolo-crew@hotmail.com



O grupo Fonte Natural, com suas letras positivas e produções dançantes, vem se destacando no cenário. Formado por Kalango e André nos vocais, DJ Lex nas pick-ups e Smoke Lion nos efeitos, dubs e batidas ao vivo, tem Guilherme Primata como beatmaker oficial do grupo.

Com influências de diversos estilos, entre eles ragga e reggae, o Fonte Natural faz RAP misturando tudo

isso. O objetivo do grupo é sempre buscar a essência verdadeira da raiz musical.

O grupo já tem mais de 100 músicas gravadas e agora se prepara para lançar o primeiro álbum. Nas letras do novo disco eles continuam reafirmando suas mensagens positivas.

O disco "Vários Sangue Bons" terá gravações inéditas e parcerias com grandes nomes do cenário

musical brasileiro.

A produção esta sendo feita pela Excuse Records, juntamente com os integrantes do grupo. A previsão é que o álbum seja lançado no final de 2012.

PARCERIA COM AFRIKA BAMBAATA

Em outubro do ano passado o Fonte Natural teve a honra de gravar uma música junto com Afrika Bambaata, considerado o pai do hip-hop mundial. O encontro aconteceu em Florianópolis/SC, durante o evento Favela Music. O Fonte Natural também participou do show de Bambaata na capital catarinense. Black Alien, Tio Fresh e Floripa MCs são outros nomes com quem o Fonte Natural já gravou.

Para ouvir as músicas do Fonte Natural e também assistir a vídeos, acesse a página do grupo no Facebook.



Thiagão e os kamikazes do gueto

A nova geração do gangsta RAP

Por Elaine Mafra

Thiagão e os Kamikazes do Gueto estão conquistando o público do país inteiro com letras carregadas de ideologia e batidas pesadas. “Não podemos narrar o amor se o que estamos vendo é dor, crime, corrupção e descaso”, alerta Thiagão. O grupo é do interior do Paraná e foi fundado em 2006 quando Thiagão convidou Dodô e Adriano para firmarem uma parceria. A escolha do nome é uma referência ao fato dos integrantes já terem sofrido ameaças por conta dos fatos que denunciavam nas músicas, mas continuam na batalha, assim como os kamikazes. “Já fomos ameaçados, mas valeu à pena. O formato desse título foi inspirado em DBS e a Quadrilha”, explica.

O grupo está viajando o Brasil para divulgar o segundo disco da carreira.

“Paraná Gangsta”, que tem participação de Facinora MCs, foi produzido e gravado no Studio KG. Já a mixagem e masterização foi feita pela Crazy Records, do DJ Papa Léguas, que é um parceiro do grupo. O primeiro disco de Thiagão e os Kamikazes do Gueto foi “Fim dos Dias”, lançado em 2009 com participação de Douglas, Realidade Cruel. Ambos os trabalhos seguem no melhor estilo gangsta e em relação ao novo disco Thiagão declara: “O CD está bem pesado, com letras contundentes que expressam o que realmente acontece, não só aqui no Paraná mas em todos os estados. Isso é o que a gente vive, ouve, assiste e analisamos de dentro do

problema, por que estamos no convívio direto com a periferia”.

Atualmente o grupo se dedica a divulgação do último disco e já pensa em lançar um videoclipe da música “Todo Finado Tem Mãe – Parte 2”, que junto com “Só por Deus” e “Desabafo”, são os grandes destaques do CD.

Contato: adversosadr@hotmail.com
(44)9920.4906



LOJA, ASSESSORIA E PRODUTORA DE EVENTOS

SOUL GANGSTA RAP

TUDO PARA O RAP NACIONAL



ENVIAMOS
PARA TODO
O BRASIL!

VINIS, CD'S E DVD'S

BONÉS, BANDANAS, CAMISETAS, CAMISÕES, BLUSAS, JAQUETAS, MOLETONS,
BIJOUTERIAS, RELÓGIOS DE PULSO, RELÓGIOS DE PAREDE PERSONALIZADOS

FreeWorld

NOSTALGIA CO.
Mitchell & Ness
PHILADELPHIA, PA.
Defining Authentic Sports Apparel & Headwear Since 1984



187★INC
clothing company



McLusco



NEW ERA



sullen



(11) 3331.3821

contato@lojasoulgangstarap.com.br | soulgangstaraploja@gmail.com

www.lojasoulgangstarap.com.br (Em construção)



www.facebook.com/SoulgangstaRap



www.twitter.com/DJSANMIX2010

RUA 24 DE MAIO, 36 - LOJA 49 - CENTRO - SÃO PAULO - CEP 01041-000

Smurphies Disco Club

Há 22 anos DJ Markynhos comanda a Smurphies Disco Club, uma das mais conceituadas equipes de som do Brasil. Nessa entrevista exclusiva ele fala sobre a Smurphies e também faz um resgate histórico sobre as outras equipes de Brasília. Superação, rivalidade e companheirismos são alguns dos temas que você confere aqui.

Por Elaine Mafra | Fotos Divulgação

SmurphieS. Porque esse nome? Quem escolheu?

SmurphieS: O nome SmurphieS na realidade sofreu uma pequena mudança numa letra, pois o nome original seria "SmerphieS Dance", do Spyder D. Essa foi a primeira música que ouvi na primeira vez que fui num baile de encontro de equipes de Brasília com a Furacão 2000. A partir desse momento corri atrás de saber o nome da música e tudo mais. Foi amor a primeira ouvida.

Quais são os integrantes dessa equipe?

SmurphieS: A SmurphieS é formada por mim e tenho seis funcionários que trabalham diretamente na equipe e dependendo do evento contrato mais pessoas.

Em que ano a SmurphieS Disco Club foi criada e por quem? Fale um pouco como foi o começo? Quais as dificuldades que você teve que superar?

SmurphieS: No final de 1986 eu come-

cei a curtir e sempre que podia prestigia-va os bailes das equipes de Brasília. Era meio complicado pois sou o mais velho de uma família com mais 11 irmãos. Imagina como é isso, você querer algo mais ter um compromisso de ajudar a manter sua família. Mas mesmo assim agradeço a Deus por isso, pois tenho toda certeza que isso me ajudou muito a me tornar o homem que sou. Aprendi que a palavra de um homem tem que valer muito mais do que ele tem, que a sua palavra não pode ser comprada e nem usada em vão, pois tem um poder que você nem pode imaginar!

O começo da SmurphieS foi difícil e de muita correria. Com 14 anos passei a estudar a noite para trabalhar durante o dia. Nos finais de semana trabalhava numa empresa de som, simplesmente para aprender como se ligavam os alto-falantes, mixers e muitos outros equipamentos. Depois que eu terminava de montar o som já colava nos técnicos para entender mais como funcionava tudo. Nunca fiz um curso técnico e tudo o que

apreendi foi na batalha, sempre atento a todas as coisas. Em 1989 fizemos o nosso primeiro grande baile que foi a abertura de um encontro de equipes, sendo a Transasom do Gama/DF e a Furacão 2000 do Rio de Janeiro/RJ. O baile foi no Primavera e imaginem a minha ansiedade e felicidade ao mesmo tempo, afinal estava fazendo a abertura da minha maior inspiração. Graças a Deus fizemos um baile bacana, com o DJ Celsão, do Mixmania, que no começo era uma parceria incrível e deu certo por muito tempo. Brigadão irmão, DJ Celsão

As dificuldades foram tantas que até hoje quando lembro dá vontade de chorar, mas consegui superar e estou aí, sempre nos corres da vida.

Quais equipes já existiam em Brasília?

SmurphieS: Brasília teve muitas equipes de som, entre elas podemos destacar: Sarro Disco Show, Power Disco Dance, Dizzy Som, Transasom, Super Som Brasma, Studio Som Show, Estúdio



Puma, Cia do Som, Super Som Saboia, Dance Night, Bareta Som, Trovão 2000, Terremoto, Mega Som, entre outras.

Conheci inúmeras equipes de som em Brasília e tenho certeza que devo estar esquecendo várias e peço desculpas por não lembrar o nome neste momento. Mas com certeza a Sarro impressionava por seu visual e com os DJs Fat Boy e Julhinho Paco Supermix que faziam a galera pirar. A Power chamava a atenção de todos que entravam no Quarentão por seu tamanho. No comando das pick-ups o velho DJ Rubão e os outros que tocavam os sons lentos e mandavam muito bem. Falar da Dizzy é covardia. (risos). Uma equipe pequena, mas que tinha um som inacreditável! Sem comentários para esse som e sem falar nos DJs que comandavam muito bem, apesar da marra na época, mas eles podiam tirar onda.

O mais engraçado nisso tudo é que a SmurphieS era a mais nova e mesmo assim em parceria com o Celsão conseguimos mudar os bailes de Brasília. Na época era uma briga para ver quem conseguia as músicas primeiro. Era massa porque tinham pessoas que só iam em determinado baile porque sabiam que algumas músicas só iam escutar lá. Tinha equipe que gastava o que tinha e o que não

tinha para conseguir os vinis. Já teve baile com equipes do Rio de Janeiro onde eu e o Celsão saímos de lá só com o dinheiro das despesas, porque os DJs cariocas levavam os lançamentos. Só faltava rolar briga para decidir quem ia comprar os novos vinis. Eita, época boa...

5 Das equipes que você citou, além da SmurphieS, quais continuam na ativa?

SmurphieS: Ainda temos várias equipes de som em Brasília, mas o lance é que muitas resolveram mudar de estilo. É preciso muita coragem e força de vontade para fazer seu próprio evento. Investir uma grana para depois recuperar de ingresso em ingresso é arriscado. Tem

muita gente que só quer investir em evento que tenha retorno garantido.

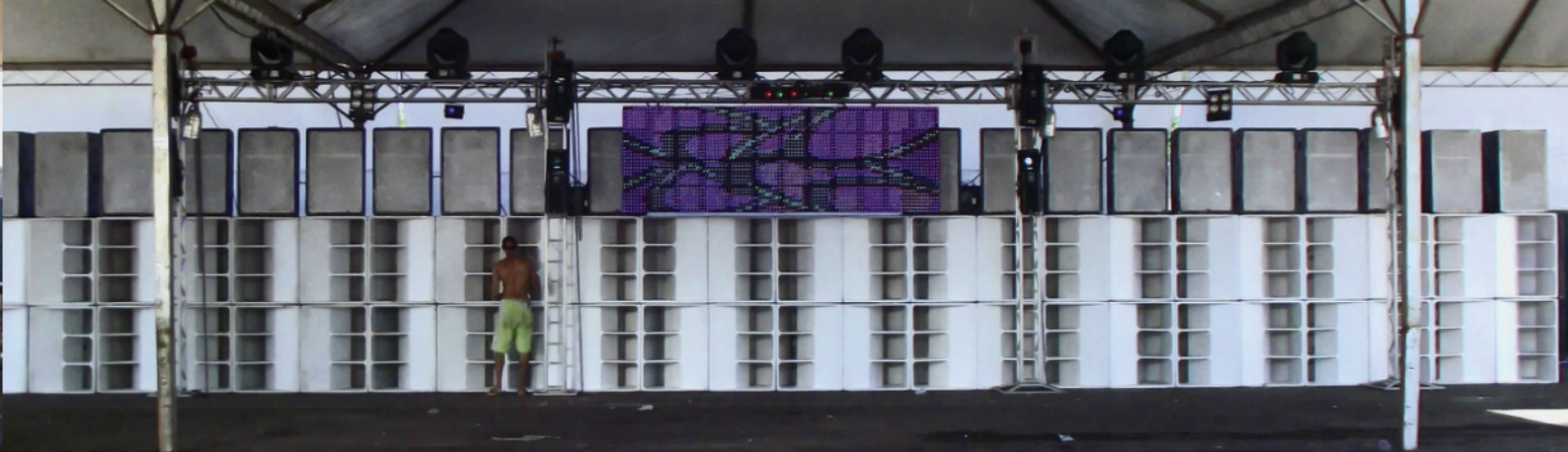
6 E quais são as outras dificuldades para manter uma equipe de som?

SmurphieS: Infelizmente hoje em dia a cena não é a mesma. Fecharam todos os espaços e eu acho que isso foi a principal culpa de muitas equipes acabarem. Quando os salões começaram a se fechar muitos não tinham mais força para correr atrás de outros espaços. A violência também contribuiu muito para isso acontecer.

7 Existe rivalidade entre as equipes de som?

SmurphieS: Isso sempre existiu e sempre vai existir, mas no passado era mais massa essa rivalidade porque era só na hora do baile, quando cada equipe procurava fazer o melhor possível. Ficava para galera achar qual era a melhor e sempre tinha a revanche. Isso era massa demais! Quantas vezes dei banho e quantas levei banho da Sarro e da Power. Com a Dizzy só toquei uma vez e levei maior sorte do mundo no dia (risos). Como falei antes, ela era pequena e com um som anormal para a época. Mas naquele dia os DJs deram uma cerveja em cima dos amplificadores e o velho Maggo não tinha tempo para consertar os aparelhos de grave. Eu até emprestei um dos meus e o som deles ficou o bicho, mas o nosso ficou melhor. Essa foi a única vez que tocamos juntos. Quem teve que ver o Quarentão quase caindo com o som da Dizzy foi a Power. Eu que não era nada bobo sempre arrumava outro baile para não tocar com a Dizzy, pois na época o que eles faziam com as outras





equipes era covardia (risos).

8 E como é a cena das equipes de som hoje no Brasil?

SmurphieS: No Rio de Janeiro a cultura das equipes de som continua viva, mas o estilo deles mudou muito. Hoje o funk predomina e isso deixou um vazio no estilo dos bailes. Graças a Deus e a muita correria consegui fazer com que a SmurphieS não se rendesse a isso e continuei fazendo meus bailes. Mesmo quando trago grupos de RAP ou shows gringos procuro sempre fazer os bailes. Afinal, um som pesadão e um paredão de som não fazem mal para ninguém. Para mim o baile sempre será o baile e os shows fazem o complemento para ficar ainda melhor.

9 O que difere a SmurphieS das outras equipes?

SmurphieS: Sempre procurei fazer o melhor para meu público, faço acima de tudo por amor e com muito respeito. O dinheiro vem por consequência da correria e da aprovação do público. Mas tudo isso também traz muitos inimigos e invejosos. Pessoas que nunca falaram com você e outros que simplesmente não conseguem ver o sucesso dos outros e falam muitas coisas ruins sobre seu evento, sobre a sua pessoa. Em Brasília têm muitos assim... Mas dou uma respirada bem profunda e vejo que é hora de correr atrás de novo, pois para cada um que fala besteira,

nem sei quantos estão torcendo por mim e vão sempre ao baile para pirar o cabeção. Obrigado de coração a toda galera que por este Brasil, direta ou indiretamente, curte SmurphieS.

10 Você está preparando uma grande festa no dia 11 de agosto para apresentar a união de duas aparelhagens. Que equipamentos são esses?

SmurphieS: Será a união das duas SmurphieS, a digital e a cruel, juntas numa equipe só. Quem já foi nos bailes da SmurphieS sempre me cobra isso e já está até me tirando o sono. Uma vez colocamos uma parte desses equipamentos juntos num evento no Pavilhão da Cidade, nem chegamos a ligar tudo e tem pessoas que até hoje comentam sobre o som. A parada será sinistra e para quem gosta de som forte posso garantir que vamos fazer o baile tremer. Além disso teremos uma ou duas surpresas para galera e para a casa cair de vez, Facção Central. Então é só começar a contar os dias porque será mais um baile da SmurphieS para ficar guardado na mente de todos e na história de Brasília.

No site da SmurphieS (www.smurphies.com.br) além da agenda, fotos e vídeos de shows, há também uma rádio on line. Fale um pouco sobre a programação da rádio.

SmurphieS: A programação da rádio sempre foi baseada nas músicas que tocamos nos bailes. Só o primeiro bloco que sempre é gospel, mas tem alguns sons que também tocamos nos bailes. Nos outros três blocos o bicho pega com altos sons gringos, muito RAP e altos remixers que a galera curte nos bailes. No final do programa sempre faço dez minutos de reflexão com mensagens positivas. Para finalizar tem o flash back da SmurphieS, para recordar e curtir os sons que fizeram e alguns ainda fazem a galera dançar nos bailes

12 Deixe um recado para aqueles que curtem os bailes da SmurphieS e também para quem ainda não teve a oportunidade de conhecer.

SmurphieS: Aos que ainda não conhecem espero que venham curtir e conhecer logo, pois não sabem o que estão perdendo. Só não esqueça de preparar o coração e os tímpanos, porque tenho certeza que você vai pirar e vai querer voltar outras vezes. Para quem já curte só posso agradecer de coração e agradeço também a Deus por esse público. Junto com eles espero conseguir manter vivo os bailes em Brasília até o dia da minha partida, ou seja, quando Deus me chamar. Valeu toda galera de Brasília e entorno! Em qualquer lugar que exista uma pessoa que curta a SmurphieS o meu muito obrigado. Fiquem todos com Deus.



Detentos do RAP: Novo DVD

Por Mandrake | Fotos Tiago de Jesus



do grupo promete surpreender

Eles foram o primeiro grupo de RAP a lançar um DVD e vão caprichar no segundo

O novo DVD será gravado no dia 06 de setembro em São Paulo/SP e grandes nomes do RAP NACIONAL irão participar da celebração cantando músicas do Detentos do Rap. Eduardo e Dun Dun (Facção Central), Dexter, DBS, Negredo, Ferréz, Thaíde, Douglas (Realidade Cruel), Mano Brown, Ice Blue e Dj Kl Jay (Racionais MCs), Yzálú, Tico Santa Cruz (Detonautas), Lino Krizz e Dj Dri já confirmaram presença. No comando das pick-ups Dj King e Dj Marquinhos.

Maurício DTS, Daniel Sancy e Dj Colina, que juntos formam o Detentos do Rap, não cruzam os braços diante dos desafios e o lançamento do novo DVD é um deles. Para presentear os fãs que há anos acompanham o trabalho do grupo eles acabam de lançar o CD "Eternamente", encartado de forma gratuita nesta edição da revista.

Nas próximas páginas você vai conhecer mais sobre a história, ideologia, opiniões e projetos desse que é um dos grupos mais tradicionais do RAP no Brasil.

1 Há quanto tempo existe o grupo Detentos do Rap?

Daniel Sancy: Eu me encontrava privado da liberdade no extinto Carandirú, como desde minha juventude na quebrada, ouvia grupos como Ndee Naldinho, Thaíde, Racionais, Doctors Mcs e ficava dublando Ice T e decorando músicas Dentro do Carandirú tudo isso voltou na minha mente, então no finalzinho de 1996 havia vários concursos mas nenhum era de rap, e comecei a lutar para que o rap fosse inserido nisso, montei o grupo Sistema Urbano e descobri que podia compor eu comecei a cantar estalando os dedos para marcar o ritmo, como se fosse base. Só depois resolvemos mudar para Detentos do Rap e participar dos concursos.

2 E desde quando o Maurício e o Colina fazem parte do Detentos?

Daniel Sancy: O Dj Colina entrou em 2001 porque ele veio da pichação e para sair das ruas começou a participar de uma escola de Djs. Devido a seu interesse e esforço acabou entrando no Detentos do Rap. O Maurício veio fortificar por um convite meu. Eu ouvi no carro dele tocando "A Lâmpada de Aladim" e perguntei quem estava cantando. Quando ele respondeu que era ele, fiz o convite na hora.

3 2012 promete ser um ano muito importante para o Detentos. Quais são as novidades?

Maurício Dts: Acho que não só para o Detentos, mas para todos os grupos que querem de verdade trabalhar no cenário atual do rap nacional, Numa iniciativa inédita, mudamos o formato de shows e criamos um fato novo no cenário, que é convidar grupos para participar de um mesmo espetáculo, mostrando de fato a união que tanto se fala no rap. Esse DVD é muito importante para nós e por isso estamos trabalhando há bastante tempo para que ele aconteça e seja um exemplo de trabalho no que se trata de rap nacional.

4 O que virá nesse DVD?

Maurício Dts: Nessa união, virá além da música, em cada detalhe a amizade que o rap também planta, e com sentimento de uma nova direção, onde as críticas ficam em segundo plano, perante a música que é o mais importante para o público, que tanto acredita em nós e as vezes está conosco quando a coisa não está tão boa. Por essa fidelidade o Detentos está fazendo seu melhor e com todas participações e apoio de grandes amigos.

5 Quem serão as participações desse DVD?

Maurício Dts: Temos participações de grandes amigos, e de

artistas que estão acreditando na nossa música, entre eles Eduardo, Dun Dun, Dexter, DBS, Negredo, Ferréz, Thaíde, Douglas, Mano Brown, Ice Blue, Dj Kl Jay, Yzálú, Tico Santa Cruz, Lino Krizz, Dj Dri.

6 Vocês estão lançando também o CD "Eternamente" que traz os grandes sucessos da carreira do grupo. Foi difícil escolher entre centenas de músicas quais entrariam nesse disco?

Daniel Sancy: O disco Eternamente foi prensado com 10.000 cópias para serem dadas aos fãs, é uma forma de agradecer por terem sido fiéis com o Detentos esses anos todos. Escolher as músicas foi difícil porque como um pai pode preferir um filho a outro, mas ficaram as que o público legitimou através da internet, e além das clássicas colocamos uma música inédita.

7 E qual é o tema dessa música inédita?

Daniel Sancy: A gente fala que o crime não é ficção e a trajetória é triste e sem glória. Assim como acontecem coisas boas, tem coisas ruins também. Temos consciência que o Detentos é um grupo que é ouvido tanto nos barracos, como no dia-a-dia dos moleques, então fazer música e letra para nosso povo requer uma responsabilidade, que tem que estar claro quando se pega na caneta.



8 Quando e onde será a gravação do DVD?

Maurício Dts: A gravação do DVD será no dia 06 de setembro. Escolhemos esse dia porque é véspera da maior palhaçada que existe nesse país, que é mostrar seu poderio militar, numa nação onde muita gente passa fome, se desfila com tanques, com armas em punho para supostamente proteger uma nação, que tem de verdade como inimigo somente seus próprios políticos. Vamos fazer a gravação em São Paulo, na Barra Funda. A casa chama-se “A Seringueira” e fica ali na Francisco Matarazzo, 694. É de fácil acesso, dá para ir de metrô.

9 Vocês estão gravando o videoclipe da música “Depois que os olhos fecham” e essa letra fala de um fato que realmente aconteceu na sua vida. Você pode contar mais sobre isso?

Maurício Dts: Claro, numa tarde fui ao bar comprar um refrigerante,

troquei uma ideia com uns parceiros e quando estava voltando me deparei com um cara de toca ninja que atirou duas vezes. O primeiro tiro pegou de raspão na minha barriga e o segundo não saiu. Isso foi uma coisa que quando aconteceu me deixou meio sem ação, porque eu não esperava. Eu sempre fui uma pessoa muito bem aceita na comunidade. Fiz a letra com ódio e com vontade de contar, que as vezes temos uma nova chance, até hoje nunca descobrimos quem foi o autor disso, mas como acredito que tudo na vida tem uma explicação, hoje essa música é minha maior vitória, por isso o clipe está sendo gravado com uma super produção, dirigido por Claudio Faccio.

10 Na opinião de vocês qual é o verdadeiro papel do RAP Nacional?

Maurício Dts: O Rap Nacional tem conscientizado muita gente, ele explica os vários caminhos. Infelizmente nem todas as pessoas tem aceitado essa realidade. Tem muita gente que esta

engrupida, assistindo televisão, ouvindo funk, indo para esses pancadões e esquecendo a ideologia de vida e a forma como nossos filhos tem que ser educados. Como eu sou filho de nordestinos e todas as pessoas da minha família são conservadoras, tento passar isso para os meus filhos. Mas o que estamos percebendo é que algumas famílias tem se perdido e se alguém não tomar uma atitude urgente, vai ficar cada vez mais complicado. Por exemplo, no trânsito ninguém tem mais respeito por ninguém, nem faixa de pedestre é respeitada. O estresse é um amigo que anda lado a lado com as pessoas.

11 E você Daniel, porque resolveu fazer RAP?

Daniel Sancy: O rap tem fundamento e é importante na minha vida, porque é o que fez de mim o que eu sou e trouxe essas pessoas que estão do meu lado. Quando o RAP me achou eu era tão perdido que nem eu acreditava em mim. Tava naquele lugar (Casa de Detenção Carandiru), condenado há



52 anos e já perdendo a família, como a dolorosa morte do meu pai. O rap para mim é como uma segunda Bíblia, porque ensina a ter doutrina, é o que dá o meu sustento e o da minha família. Eu acredito muito no rap.

12 E você acha que o rap pode transformar uma vida?

Daniel Sancy: Vejo diariamente nas pessoas que me param na rua e comentam minhas músicas, vejo no rosto das minhas filhas, vejo no mano que sobe no palco e defende o seu sustento cantando o que acredita, o rap é o único movimento no mundo, onde o cara pode estar cantando pela primeira vez, mas vai cantar sua letra, sua verdade, isso é uma coisa que me faz sentir tanto orgulho que não vou parar de compor e de ter postura no bagulho.

13 E falando em auto-estima, vocês mantêm o Projeto Ensaiaço. Como ele funciona e como surgiu?

Maurício Dts: Um dia estávamos aqui

conversando no estúdio sobre os espaços que cada vez estão mais difíceis e que em São Paulo já não há tantas festas de rap como tinha há 4 ou 5 anos atrás e o Ferréz me falou de uma ideia que ele teve, que era de criar um “Ensaiaço”. Ele me explicou que seria um ensaio coletivo e chamaríamos vários grupos para ensaiar todo mundo junto. Nesses ensaios damos uns toques para os grupos de como se manter no mercado fonográfico, postura de palco, capa de CD. Me lembro como se fosse ontem o 1º Ensaiaço foi a uns dois anos atrás. Veio o Tr3f, o Negredo e o RDG. O 2º Ensaiaço espantosamente tinham 35 grupos e o projeto começou a tomar uma proporção tão grande que hoje os grupos ensaiam para vir cantar no Ensaiaço. No último que realizamos tinham 42 grupos. Vários nomes de sucesso também já cantaram no Ensaiaço, como Dexter e Rappin Hood. Teve também o Nocivo Shomon que devido as letras que batem forte nos temas o público curtiu bastante. A apresentação nós revezamos, tem a

Martinha, o Ylsão do Negredo, o Ferréz, e eu também apresento. Tem sido muito bom e eu acredito que o Ensaiaço é uma evolução da São Bento.

14 E além do Ensaiaço vocês organizam a quermesse da Grisson, como é isso?

Maurício Dts: Uma vez eu fui tocar numa quermesse junto com o DJ Ale, que hoje é o DJ do Negredo e quando chegamos lá os organizadores não permitiram que tocássemos rap nacional. Naquela época só queriam que tocasse Axé. Voltei para casa muito decepcionado, até porque tinham pessoas que sabiam que nós iríamos tocar nessa festa e foram lá só para ouvir rap. E foi aí que eu resolvi fazer a quermesse da Grisson. Falei para alguns amigos e um deles é o Do, que tem a equipe Master Funk. Assim que entrou janeiro de 2002 começamos a divulgar. Naquela época não tinha o recurso do flyer, então criamos um cartaz em folha sulfite e xerocamos umas 30 mil cópias. Chegávamos em algumas lojas que



faziam fotocópias e muita gente abraçou a ideia e fez cópia para nós e nem cobrava. Esses cartazes nós colávamos nos postes, nas escolas e quando foi na 1ª semana de maio, essa rua lotou, ninguém andava. Nas quatro ou cinco primeiras edições todas as atrações eram grupos de Rap Nacional. A gente ligava para os grupos, passava as ideias da festa e os grupos nem cobravam nada. Hoje, graças a Deus, todos os grupos que vem recebem cachê, todas as pessoas que trabalham na festa recebem para isso, tem segurança, banheiros químicos e toda infraestrutura necessária. Nunca tivemos nenhuma ocorrência dentro da quermesse e isso é muito gratificante porque todos respeitam. Já aconteceu em 2008 eu não querer fazer, mas as pessoas me cobravam isso e falavam:

“Como você não vai fazer? Lá eu monto minha barraca e garanto o sustento da minha família para o ano todo! Foram palavras como esta que não me deixaram desistir. A quermesse da Grisson agora é uma realidade que acontece todo ano, e não é uma festa só minha é de todos da rua.

15 E ainda tem o Estúdio IdaSul que também é no Capão Redondo...

Maurício Dts: Resolvi montar o estúdio na antiga casa que morei, numa forma de voltar para a quebrada o tanto que ela me deu de incentivo na música, mais de quarenta álbuns foram produzidos, o estúdio cresceu muito e agora se chama Maraca, devido ao Ferréz me orientar que tendo uma outra empresa para essa

parte fonográfica seria mais fácil. A ideia do estúdio é mostrar para o profissional do rap que ele não precisa sair da quebrada para gravar sua música.

16 A IdaSul é uma marca de roupa do Capão Redondo. Vocês tem uma parceria com eles?

Maurício Dts: Essa parceria já vem de muitos anos. Antes de eu conhecer o Ferréz eu já me identificava com a IdaSul. A identificação rolou quando eu fiquei sabendo que as roupas eram feitas por pessoas que trabalham na quebrada, não é mão de obra escrava, e eu acredito muito nesse ideal. A primeira vez que eu vi o Ferréz foi dentro da Porte Illegal quando eu estava comprando uns discos. Num certo momento da minha vida



“ Nossa ideologia
permanece viva porque
é a nossa essência, nossa
raiz. Nós evoluímos
com o tempo, mas a
ideologia é a mesma. ”



que eu estava com muita dificuldade ele acreditou em mim, quando nem eu mais acreditava, passamos a ter uma amizade e eu sempre usei a IdaSul, consequentemente o Detentos também, A IdaSul tem sido uma grande parceira, hoje posso falar que nossa relação é muito profissional, tanto no selo como no estúdio. Essa parceria se estende para nossas vidas e isso é muito importante.

17 O Detentos do Rap é um dos grupos mais tradicionais do RAP NACIONAL. Nesses 16 anos de carreira a ideologia sofreu alguma mudança?

Daniel Sancy: Nossa ideologia permanece viva porque é a nossa essência, nossa raiz. Nós evoluímos com o tempo, mas a ideologia é a mesma.

Não tem como mudar nossa história, nossa vida foi composta como um bom e talentoso rap, para pessoas como nós que vivem na dificuldade mas nunca se entregam.

18 O último disco traz uma grande variedade musical, com instrumentos e participações. Como foi a recepção do público a esse trabalho?

Maurício Dts: O juiz mais justo é o tempo foi o primeiro disco nosso todo independente, por todos os lugares que temos passado com nosso show a repercussão do disco tem sido muito boa, tanto que foram feitas 5 mil cópias e restam poucas unidades. As participações do Facção Central e Tr3f também foram muito bem comentadas.

Para nós não foi uma surpresa porque nesse processo de preparação do disco nós somos muito chatos, tanto que demoramos um pouco para lançar. Mas tudo tem o momento certo e enquanto nós não achamos que cada detalhe está perfeito não soltamos o produto. E é este mesmo processo que estamos fazendo em relação ao DVD.

19 O que falta no RAP Nacional para se firmar ainda mais?

Daniel Sancy: O que precisamos são pessoas para acreditar e investir, mas também temos nossa parcela de culpa, pois é difícil a profissionalização do rap, falta postura perante quem contrata, e respeitar mais o público, que apesar de tudo, continua fiel.

20 Qual sua opinião sobre os rappers que estão na grande mídia?

Maurício Dts: Na verdade o que é chamado de evolução no rap, essa molecada que fala como se



já tivesse vivido mais que muito homem de 40 anos, é tudo que a mídia queria. Discurso leve, postura amiga, cara de muitas amizades e poucas críticas. Rap sem crítica no Brasil é hipocrisia, não tem como fechar os olhos porque favelado não anda na neblina a vida toda. Nossa música não será ouvida num programa de TV num domingo com a família toda sentada no sofá. Não é uma música apropriada, porque bate muito forte no que ela fala. A mídia sempre escolhe alguém de bode expiatório para levar para a TV e o rap tradicional não se vende. Não que eles estejam errados de fazer isso. A molecada que está fazendo esse corre tem que seguir firme na linha que estão traçando, mas sem base meu chapa, a estrutura não fica muito tempo em pé. O juiz mais justo é o tempo e quem legitima é a quebrada.

Daniel Sancy: Mas tem que ter bastante consciência para não ser refém dos seus atos, veja irmão, sua boca pode ser seu chicote no futuro.

21 Com quase duas décadas dedicadas ao RAP vocês podem falar sobre o que mudou nesse período?

Maurício Dts: O rap não mudou, infelizmente o Brasil é um país que dita modas e 1997, por exemplo, foi a maior explosão do Rap Nacional. Naquela época muitas pessoas que não curtiavam rap acabaram comprando CDs. No ano de 1997 teve grupo que vendeu 1 milhão de cópias, outros venderam 500 mil e por aí vai... Muita gente achou que aquele era o público do RAP NACIONAL, foi muita moda. Um passava com o som no carro e outro já queria ouvir, ia lá e comprava. Mas na verdade o RAP NACIONAL já tem um público certo. Um grupo que vendeu 100 mil CDs naquela época, hoje lança e vende 10 mil. Parece que o Rap Nacional caiu, mas não é isso.. Até no sertanejo isso acontece, isso é chamado de fator externo, que é quando as coisas acontecem fora do

seu controle, como a queda da indústria de discos, tem cantor que vendeu 4 milhões e hoje não passa de 100 mil cópias e todo mundo considera sucesso. O rap continua apesar de tudo isso, e hoje sabe que é nós por nós.

Daniel Sancy: E hoje para vender 100 mil cópias no Brasil, com internet e pirataria tá difícil. A internet derrubou até a pirataria. Hoje é só meter o pendrive e já baixa tudo, mas acredito que o fã vai querer o disco porque ninguém dá autógrafo em pen drive, e se fizermos fazer um produto bonito e leal, o público compra.

22 E o fechamento das fábricas de vinil prejudicou o rap?

Maurício Dts: Com certeza, porque antes saíam os discos de vinil de Rap Nacional e hoje não se faz mais isso. Até os próprios DJs ficaram desacreditados. Mas ainda bem que surgiu o Serato, que ameniza o problema.





DJ Colina: Inclusive eu aprendi bastante nesse lance do Serato quando as fábricas pararam de produzir os discos de vinil.

23 E hoje você só trabalha com o Serato?

DJ Colina: Eu trabalho mais com o Serato e estou me aperfeiçoando bastante. Mas há uns seis anos atrás só fazia colagem com os vinis. No DVD eu vou criar umas colagens com as músicas do Detentos usando o Serato, mas de coração irmão, vinil não tem nada igual.

24 E essa mudança afetou a performance dos DJs?

DJ Colina: Muitos que não conheciam o Serato achavam que ia acabar com a cultura. Mas é em tempo real, igual o vinil. O que muda é a tecnologia, posso usar várias colagens, palavras e passar para o vinil.

Maurício Dts: Eu também sou DJ e de vez em quando toco em algumas festas e aonde eu chego é com meus cases de discos e não troco isso por nada, quem diria, o CD está passando e as lojas de vinil estão sempre com colecionadores comprando.

25 E quantos vinis você tem?

Maurício Dts: Deixa isso quieto irmão (risadas).

26 E quais são os projetos futuros do Detentos do Rap?

Daniel Sancy: Estamos focados no DVD, é nosso maior projeto, para que em qualquer lugar do país, o mano possa curtir um show de rap como se estivesse lá, por isso é gravado ao vivo, e estamos já preparando um novo disco.

27 Como você vê o governo atual?

Daniel Sancy: Acho que pelas minhas letras já diz tudo. Afinal o rap me dá essa liberdade de compor e cantar o que penso, em termos de vida e política.

Maurício Dts.: Se você parar para ver nós temos muitos projetos em prol da periferia. Tem o Negredo com a Periferia Ativa, o Ferréz com o Interferência, nós com o Estúdio Maraca e Ensaio. Eu acompanho sim, mas não acho que esta melhor. Um litro de gasolina tá quase R\$ 3,00 e a passagem de ônibus também. E cada vez você vê as pessoas mais ricas ficando mais ricas. Falam que no Brasil quem era pobre ficou classe média e a classe média ficou rica, mas a mídia exagera para dar sensação de que está tudo bem no dia a dia vimos que não é nada disso. Se os governantes quisessem fazer algo para melhorar já teriam feito há muito tempo. Eu acho que o nosso povo tinha que ser mais talibã, lutar por nossos direitos com mais ação. A partir do momento que fizemos isso, assim como foi feito em 92 quando conseguimos derrubar um presidente, as coisas vão mudar. Você vê a extensão do poder que o povo tem mais não sabe. Se o povo acordar e decidir fazer as coisas, aí funciona.

Daniel Sancy: Independente de qualquer fita, dificuldade sempre vai existir, mas depende de você aceitar a situação ou não aceitar, temos que fazer a nossa parte, e não esperar pelos outros, do céu só cai avião irmão.

28 Qual mensagem que você deixa para os fãs do Detentos do Rap?

Daniel Sancy: O rap é raiz e não

muda. Enquanto a situação ainda existir o Detentos do Rap será dessa forma, somos raiz, cultura e consciência. Queremos agradecer a atenção dos fãs e amigos que conhecem desde o começo nossa história. Eles são qualidade e igual a eles também nós procuramos qualidade para merecer a atenção do nosso povo. Muito obrigado.

Maurício Dts: Assim como eu lutei e consegui alcançar meus objetivos eu quero deixar essa mesma lição para as pessoas que tem um objetivo: lutem. Acreditar nos parceiros que estão lado a lado também ajuda muito. Para as pessoas nunca desistirem de alcançar seus objetivos, porque no dia que você falar que não tem mais objetivo e que não serve para mais nada, então não tem mais necessidade nem de respirar. Quero agradecer as pessoas que tem somando muito na minha vida, Ferréz, Eduardo Lonas, Márcio dos Low Riders, Daniel Sancy e Colina. Agradecer também a Daniele e a Jéssica que tem somado no grupo. Dj Dri, minha irmã Cristina, meus filhos e minha família em geral que acredita muito em mim. Essas são as pessoas mais importantes na minha vida e tudo que eu faço é por eles e por todos que ouvem o Detentos do Rap.

Dj Colina: A todos que gostam da nossa música, pode ter certeza que tudo que o Detentos faz é com garra e coração.

CONTATOS PARA SHOWS

(11) 55127488
ID:11*1017916
contatodetentosdorap@gmail.com
www.detentosdorap.com.br

6 DE SETEMBRO
VÉSPERA DE FERIADO



SHOW DE GRAVAÇÃO DO DVD

DETENTOS DO RAP



PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS:

MANO BROWN, KL JAY & ICE BLUE (RACIONAIS MC'S), THAÍDE, EDUARDO & DUN DUN (FACÇÃO CENTRAL), DEXTER, TICO SANTA CRUZ (DETONAUTAS), DOUGLAS (REALIDADE CRUEL), DBS, YZALÚ, LINO KRIZZ, FERRÉZ, DJ DRI E NEGREDO

 **NOSTOCA-DISCOS: DJ KING E DJ MARQUINHOS** 

LOCAL:

A Siringueira

AV. FRANCISCO MATARAZZO, 694 - BARRA FUNDA - SP



Profissão MC

Novo livro de Alessandro Buzo

Inspirado no filme, o romance traz um enredo cheio de surpresas

Por Paula Farias | Fotos Marilda Borges e Divulgação

Ele é escritor, poeta, cineasta, repórter, agitador cultural, organizador de show, pai, marido, filho, cidadão, Ufa!. Esse suburbano convicto consegue ter mil faces em um único coração, que bate mais acelerado pela periferia desde a época das ruas de terra do Itaim Paulista, na Zona Leste de São Paulo/SP.

Buzo foi um dos grandes responsáveis pela literatura marginal ter se espalhado nas comunidades e revelado tantos talentos escondidos. “Fico muito feliz com isso, com certeza esse momento é fruto do que plantamos. Nomes como, Ferréz, Sérgio Vaz, Sacolinha, Allan da Rosa, também fazem parte de tudo isso. E os Saraus foram importantes também

nesse processo e a tendência é ter continuidade, porque ninguém está de brincadeira, todo mundo está trabalhando”, garante, Buzo.

O termo literatura, que até então estava ligado as bibliotecas e salas de leituras, em sua esmagadora maioria longe da periferia, chegou às favelas, becos e vielas, de uma forma diferente. A literatura marginal tem estilo e particularidades de um povo que descobriu a força das palavras. Sobre esses novos escritores, Buzo aponta alguns que já são destaques. “Depois dos primeiros que romperam as barreiras e viabilizaram seus livros, outros foram surgindo. Hoje na cena tem novos bons nomes como, Rodrigo Ciriaco, Zinho Trindade, Luan Luando, Walner Dan-

ziger, Akins Kinte e muitos outros. É o pesadelo do sistema, favelado lançando livros”, dispara o escritor.

E Buzo se revela um agitador cultural inquieto, quando pensamos que ele já fez de tudo eis que novas surpresas surgem. Desde o começo do ano o Sarau Suburbano Convicto, que era realizado uma vez por mês, passou a ser realizado semanalmente. E sobre essa nova fase o poeta desabafa. “B.O. total né! (risos) Quando menos você espera, já é terça-feira de novo. Difícil manter a casa cheia, são muitos eventos na cidade. Mas estamos bem, obrigado. Temos um time de poetas nota dez e cada vez mais tem público. E outra coisa, sem eventos a Livraria Suburbano Convicto (única do país especializada em Literatura Marginal) já



teria fechado as portas”, acrescenta.

A livraria Suburbano Convicto, já se tornou ponto de referência cultural com sarau, bate papo, lançamentos de livros e CDs. Enfim é um verdadeiro polo cultural que fortalece a cultura hip-hop. É a periferia ocupando o centro da maior cidade do país.

E por falar em ocupar espaços. Alessandro Buzo apresenta um quadro semanal no SPTV 1ª Edição da Rede Globo, onde ele mostra várias ações culturais da periferia, expondo na grande mídia as vitórias e conquistas de várias comunidades de São Paulo.

O novo livro de Buzo é o décimo da carreira. O romance “Profissão MC” foi inspirado no filme de mesmo nome, com roteiro e direção também assinados por ele. O filme foi lançado em 2010 e ganhou uma menção honrosa no Festival de Cinema de Gramado daquele ano. “Olha que interessante, por ser o décimo livro da minha carreira tinha que ser um romance, mas a ideia do que escrever não vinha. Então recebi um convite da nVersos Editora de escrever o livro baseado no filme. Na hora aceitei o desafio e os prazos. Isso foi no início de dezembro de 2011 e precisava entregar o livro pronto até o Carnaval de 2012. Felizmente consegui cumprir o prazo”, comenta Buzo.

No livro é possível conhecer a fundo a história de vida dos personagens, relembrar fatos marcantes da infância e o desenrolar até a situação atual. “Na hora o enredo do livro veio na minha mente, não teria sentido escrever o que todos já tinham assistido no filme. Então levei os três personagens

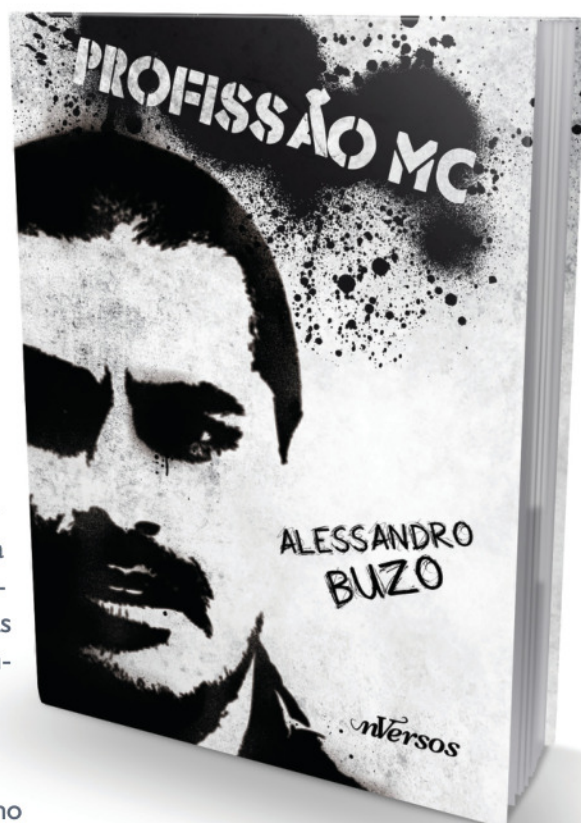
centrais para a infância. O filme tem como protagonista o rapper Criolo Doido, que interpreta um personagem com o mesmo nome. Já no livro o personagem principal foi batizado de Preto. A história do livro acaba onde o filme começa”, afirma o escritor. E os leitores podem se preparar para viver grandes emoções junto com os personagens do livro. Há momentos na história que as situações parecem tão reais que não é mais possível separar ficção e realidade.

A inspiração vinda das ruas tem o poder de fazer esse entrelaçamento das mais variadas realidades. “Eu me inspiro em mim, nos meus vizinhos do Itaim Paulista, onde a história se passa. Para quem vive a periferia o que não falta é inspiração. Digo “quem vive”, porque uma coisa é morar na periferia e outra é VIVER a periferia, fazer parte, ter orgulho dela. Meu trabalho na TV me leva toda semana para uma periferia diferente e em todas tem samba, RAP, sarau, várzea, feira-livre. A periferia é intensa e viva. É assim que surge minha inspiração, não só para escrever esse livro, mas para alimentar minha alma”, comenta, Buzo.

No livro os personagens são contextualizados através de fatos que marcaram a história recente do Brasil, como Copa do Mundo e a ditadura militar. Essas situações deixam a narrativa ainda mais real. “Sempre gostei de colocar fatos que aconteceram nas minhas histórias, romances e contos. Eu lembro perfeitamente do jogo Brasil 1 x 0 EUA, na Copa de 94. Aquele gol do Bebeto. Eu assisti junto com os amigos no

Itaim, fizemos uma festa naquele dia. Quando eu trago um fato assim no enredo da minha história, muita gente se sente dentro, porque viveu aquele dia também, em outro lugar, mas viveu aquele momento. Quanto a ditadura é história do Brasil, triste passagem que devemos repudiar e não deixar voltar nunca mais”, afirma.

Para Alessandro Buzo o RAP, o futebol, a ditadura e outros acontecimentos estão todos interligados, direta ou indiretamente. “Esta tudo junto e misturado. O cara do RAP curte futebol, se liga nos jogos do Brasil. Quando ele toma aquele enquadro na quebrada, porque está de boné, camiseta do Facção Central, é uma ditadura também. Pobre, preto e favelado para a polícia é sempre suspeito. A PM de São Paulo, é um pouco do que sobrou da ditadura. A ROTA voltou a matar como nos





anos 80", desabafa o escritor.

O livro *Profissão MC* é também uma homenagem a todos os MCs, não importa a idade, desde os mais velhos até os mais novos. Todos aqueles que fazem de suas vidas uma verdadeira "Profissão MC". "Com o filme e agora com o livro consegui meu objetivo, fazer o MC dizer: - Eu vivo isso. Logo a importância dentro da história é total", analisa Buzo.

E o romance promete prender a atenção do leitor desde a primeira página até a última linha, fazendo ao final a esperança e perseverança por dias melhores despertar dentro dos leitores. "A mensagem é a mesma do filme. Ou seja, mesmo com tudo contra, mo-

rando na favela, sem emprego, você é do tamanho do seu sonho. Eu nasci e cresci no Itaim Paulista, passei por vários momentos difíceis e quase passei fome. Minha mãe era doméstica e meu pai depois que foi embora nunca mais nos ajudou. Foram anos difíceis e passei a usar muita droga. Mas meus sonhos eram maiores que tudo isso e realizei a maior parte deles. Espero que os manos e as minas quando terminarem de ler meu livro pensem: "Eu posso tudo que eu sonhar e batalhar para conquistar. E não é fácil, mas é possível", finaliza.

Diante de tantos trabalhos, projetos, desafios, sonhos e realizações, o suburbano convicto busca na família que sempre está lado a lado, o amor e a

ajuda para prosseguir. "Minha esposa desde o início de minha carreira está junto comigo. Já meu filho Evandro, 12 anos, é meu orgulho. Acho que a cena que nós estamos inseridos vai fazer bem para o futuro dele. No Sarau ele tem noção de cidadania, respeito ao próximo. Ele é um garoto comum, que gosta de vídeo game, TV, futebol (praticar e assistir), mas sempre ganha livros para balancear. Minha família é tudo psra mim e trabalhar com eles só me dá prazer", proclama Buzo com um belo sorriso iluminando o rosto.

Compre o livro na Loja Rap Nacional
www.lojarapnacional.com.br

Acompanhe o trabalho de Buzo
www.buzo.10.blogspot.com.br



**LEIA
ANTES
QUE SEJA
TARDE DEMAIS!**

Aprovado pelas
melhores cabeças
do Hip-Hop

LiterarUA.com.br
www.LiterarUA.com.br
compre pelo site



New Website

www.markone.com.br



(11) 9817.0220
SÃO PAULO - BRASIL



KIN

s n e a

WWW.LOJAKIN



AS MELHORES MARCAS DE LIFEST



KINGS

k e e r s

INGS.COM.BR

EVOKE
E Y E W E A R

NIXON



new balance

STYLE DO PLANETA ESTÃO NA KINGS



Yo, aqui é Larry Smith, editor da SWAG MAGAZINE CA, diretamente da Califórnia - Estados Unidos. Eu sou fotógrafo, jornalista, designer, faço vídeos, assessoria e eventos, conheço todo mundo do RAP, sou diretor de um site e de uma revista, resumindo, sou como o Mandrake aí no Brasil, fazemos praticamente o mesmo tipo de trabalho, deve ser por isso que nos encontramos. Como você já sabe, nós fechamos uma parceria junto a Revista RAP NACIONAL, onde eu vou mostrar um pouco do que acontece do verdadeiro RAP aqui na minha área. Sei que muita gente pensa que o RAP aqui fora esta totalmente vendido, mas isso é mentira, além dos artistas que estão na grande mídia, existem milhares de rappers correndo pelo certo e representando os guetos americanos, o verdadeiro gangsta RAP. E são esses caras que quero apresentar para vocês brasileiros em nossas páginas. Esta parceria é muito importante pois pessoas do Brasil vão poder conhecer um pouco mais de nosso RAP, assim como nós também estamos conhecendo muito do RAP Brasileiro, através da coluna de Mandrake em nossa revista.



YOUNG KNOX

Young Knox está se preparando para gravar uma canção intitulada "Something More". Ele está no Absolute VMAD Recording Studios, em Northridge, CA, acompanhado de Mike Ant e Nalo Duvalle. Assistir Knox é como ver um lutador, quando ele lança olhares sobre o cinturão de campeão. Knox sabe que tem um single de sucesso em suas mãos.

Young Knox foi introduzido na indústria da música, muito cedo, por seu pai, Ty Knox -, executivo da indústria da música por mais de 20 anos. Ty Knox fez questão de levar seu filho para shows de premiação, bem como o fez apresentar-se durante as sessões de estúdio com nomes como Dr. Dre, Baby Face, e David Foster. Young Knox já gravou mais de uma centena de canções e duas mixtapes: "The Warm-UP LP" e "School of Hard Knox". Ele está trabalhando na sua terceira mixtape intitulada "Cigarrillo Symphony", e também em seu primeiro álbum solo, ainda sem título.



Knox tem trabalhado com produtores, como Big Syke de Outlawz, Michael Angelo, Focus, Battlecat, Parker Dawaun, Duvalle Nalo e Jason Pounds. Além de escrever e gravar sua própria música, ele também escreve para outras pessoas, já tendo colaborado, assim, com mais de 100 artistas independentes. Trabalhou também com grandes nomes, como KRS One, Crooked I, Bishop Lamont, Jay Rock, Styles P, Samantha Jade e Steph Jones.

"Embora eu venha das ruas e a maioria das minhas músicas mostrem isso,

não é a imagem que eu quero retratar como um artista ou pessoa. Minha música não é incentivo para fazer as mesmas coisas que eu fiz, para tomar as mesmas decisões que eu tomei. Eu não promovo a violência, nem as drogas", afirma o artista.

Knox tem uma carreira promissora. Ele certamente irá deixar um impacto sobre a indústria da música e um legado para os outros aspirarem.

Não deixe de visitar Hot New Hip Hop e fazer o download da mixtape de Knox.

SONNY REYS

Sonny Rey, como ele mesmo diz, é música. “Minhas primeiras lembranças são estar no estúdio com meu pai, Les Pierce. Ter um pai que é um produtor amplamente conhecido e que produziu para artistas como Patti Labelle e Earth Wind and Fire, e um tio - Brian Holland, que foi um dos pioneiros da Motown Records, faz com que a música corra pelo meu sangue”.

Nascido em Anaheim, na Califórnia, Sonny foi criado em um ambiente familiar estruturado, em que notas altas eram esperadas e praticar piano todos os dias depois da escola, era obrigatório. Na escola, Sonny participou em todos os shows de talentos e peças escolares, onde ganhou experiência e aprendeu a se comportar em uma configuração com banda. Depois disso escolheu fazer uma turnê com sua banda.

Sua música é cheia de histórias e experiências interessantes. Sonny Rey lançou recentemente um cover intitulado “Over” com Heartbreak Dre, com um vídeo com o seu amigo promotor de eventos de Hollywood, Sebastian Moradi. Juntos, eles formaram uma equipe de talento que está pronta para ultrapassar a indústria do entretenimento.

Sonny Rey produz, escreve suas próprias letras, canta e conduz seu negócio de forma profissional. Escreveu e produziu para vários projetos, como Ron Artest e Joe Smith do LA Lakers, bem como escreveu, co-produziu e cantou, recentemente, o novo tema do programa America's Next Top Model.

Atualmente Sonny Rey está produzindo sua mixtape que vai mostrar sua capacidade, de não só produzir música com o coração, mas letras com uma verdadeira mensagem e conteúdo significativo e, ao mesmo tempo divertidas.

Sonny sempre seguiu seu coração, que o levou a alcançar seus objetivos em uma idade muito jovem. Ele é grato pelo talento que tem.

As palavras de despedida Sonny Rey para os seus apoiadores é: “Não tenha medo da grandeza. Não se acomode. Mantenha-se motivado em todos os tempos!”

Textos Larry Smith Traduzido e editado por Rachel Quintiliano

90 anos depois...

Semana do Hip-Hop de Arcaju

A semana de arte moderna de nossos tempos

Por Elaine Mafra e Toni C. | Colaboração Hot Black | Fotos Elaine Mafra, Hot Black e Divulgação

Terno, calça larga, lenço e bombeta. Foi com esta vestimenta inusitada que membros do hip-hop deram início oficial na Câmara Municipal de Vereadores a Semana do Hip-Hop de Arcaju, realizada de 7 a 12 de maio. “Não é apenas uma semana de lazer e de cultura. Vamos debater a construção de políticas públicas e o que pode ser feito para transformar a realidade dessa juventude, que é massacrada diariamente”, destacou DJ Branco (BA) na tribuna. “Parece simbólica esta semana. Isto porque estou empunhando um mi-

crofone e um livro, mas se estivesse na esquina empunhando uma outra arma, talvez alguns de nós nem estivéssemos aqui. Isto é o hip-hop que transforma vidas e não é só de quem participa”, falou Toni C. (SP) dirigindo-se aos parlamentares da cidade. O anfitrião do evento, Hot Black (SE), agradeceu aos vereadores que no começo estranharam uma lei em favor do hip-hop, mas após conhecerem um pouco da cultura aprovaram por unanimidade a criação da semana. “A cada dia escrevemos uma página da história e hoje é mais uma que escreve-

mos juntos, estamos mais conscientes e unidos, criamos uma lei para fortalecer a nossa cultura de rua; que tanto contribui com a inclusão em nosso país”, afirmou o MC se referindo a lei 4.064, intitulada Lei Municipal do Hip-Hop.

Durante anos o hip-hop foi combatido e perseguido por governantes de nosso país. É mais do que justo que o poder público apoie iniciativas dessa cultura transformadora. Isto já começa a acontecer em alguns lugares, como na capital de qualidade de vida, Aracaju.



Durante uma semana a capital de Sergipe se transformou na capital do hip-hop. Em diferentes pontos da cidade, aconteceram oficinas, debates, batalha de break, mutirão de graffiti, mostra de vídeos e shows. Os grupos locais dividiram o mesmo palco com grandes nomes do RAP NACIONAL, como Dexter, GOG e Nelson Triunfo. Um evento possível graças a organização do hip-hop que apresentou o projeto que se tornou lei de autoria da vereadora Karla Trindade (PCdoB), sancionada em fevereiro deste ano pelo prefeito Edvaldo Nogueira (PCdoB), instituindo a semana no calendário oficial da cidade. Isso significa que mesmo que mude o governo, a Semana do Hip-Hop continua a existir.





Prefeito Edvaldo Nogueira dialoga com representantes do hip-hop brasileiro

O prefeito Edvaldo Nogueira fez questão de receber os artistas e militantes do hip-hop em seu gabinete. “A Semana do Hip-Hop é mais que um evento, é uma maneira de chamar a atenção da sociedade para a diversidade cultural que existe. Temos uma grande preocupação em melhorar a vida da juventude”, declara Edvaldo orgulhoso por ser administrador da capital que mais investe em cultura no país, com 1,8% do orçamento. O tema principal da conversa foram as políticas públicas para o hip-hop. Dexter, que já esteve na cidade

em outras ocasiões, lembrou do desejo em desenvolver ações dentro das penitenciárias do estado, fazendo de si um exemplo vivo de superação. Nelson Triunfo defendeu a fusão da cultura com a educação e que o hip-hop deve ser inserido na grade curricular do ensino fundamental, citando como exemplo o projeto “Hip-Hop Education”, dos Estados Unidos. Mandrake apresentou ao prefeito a revista RAP NACIONAL, única publicação impressa sobre hip-hop no país e GOG falou da necessidade de incentivar a leitura entre os jovens, o que já faz a revista RAP

NACIONAL e os livros da literatura divergente, como “A Rima Denúncia”, do qual GOG é autor. “Na história da cultura moderna o hip-hop é o fenômeno que mais consegue dialogar com a juventude”, discursou GOG.

“A Semana Municipal do Hip-Hop foi instituída para mostrar que essa juventude da periferia tem voz e vez em Aracaju. O hip-hop, por meio da educação e da cultura, é capaz de ações que merecem todo o nosso reconhecimento”, afirmou a vereadora Karla Trindade durante a reunião.

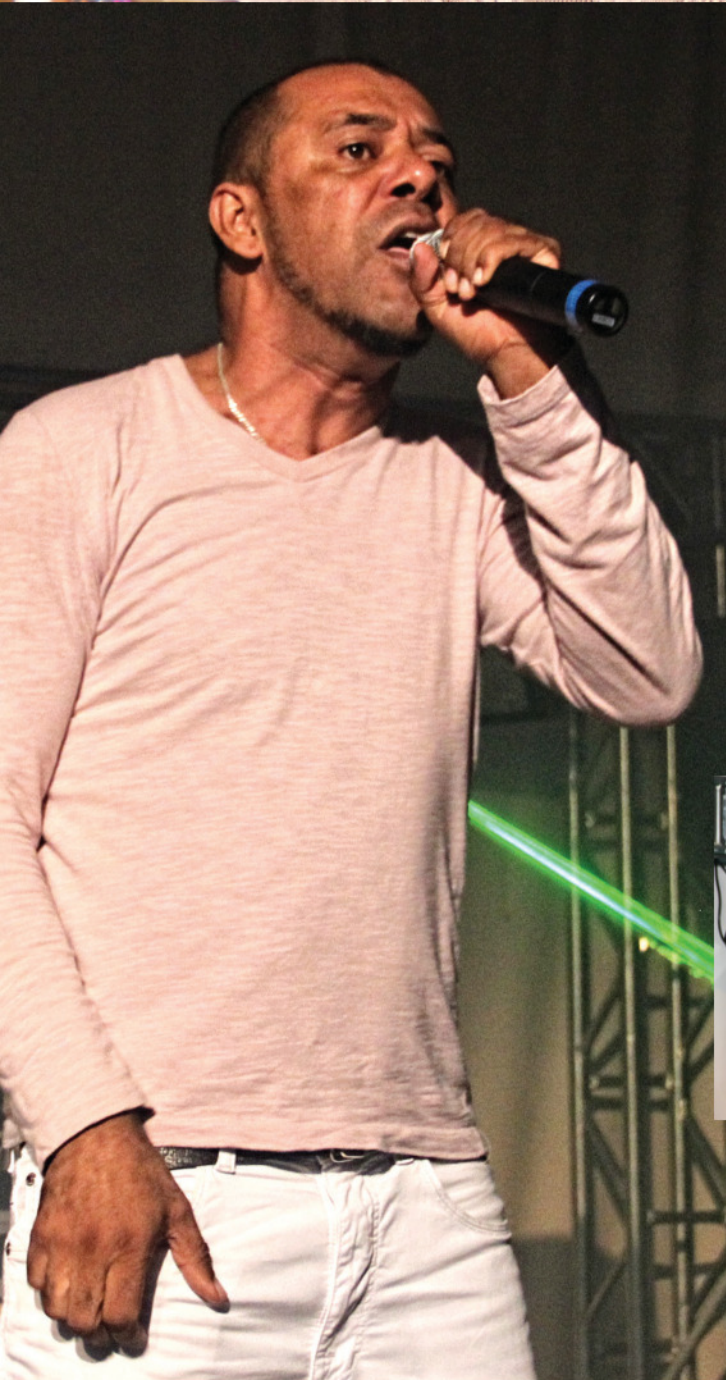


E a lei virou ação

Batalhas e oficinas de B.boys realizadas no final da tarde, no calçadão da Rua Laranjeiras, por meio do projeto “Nóis no Centro”. A Rua da Cultura, entre os mercados municipais, se tornou palco

da “Passarela do Hip-Hop”. DJ Rodrigo promoveu oficinas apresentando técnicas da discotecagem performática. As ações foram ousadas por levar o Hip-Hop para as praças da cidade. A pri-

meira edição da Semana do Hip-Hop rolou de 7 a 12 de maio e nesses dias a capital sergipana respirou o melhor do hip-hop com a presença dos quatro elementos.



Ponto alto da Semana foi o debate no Centro de Criatividade, que fez jus ao nome e juntou grandes pensadores da cultura Hip-Hop para debater o movimento na atualidade. A candidatura de pessoas do Hip-Hop a cargos públicos foi um dos temas polêmicos. Na ocasião a revista Rap NACIONAL número 4 foi lançada com a presença do editor Mandrake e da jornalista Elaine Mafrá. O livro “O Hip-Hop Está Morto!” foi apresentado pelo autor Toni C., que também exibiu seu documentário “É Tudo Nosso!” durante o segundo SerCine, mostra de cinema de Sergipe. Para fechar este acontecimento o show de GOG levantou a galera com a participação de Nelson Triunfo e do rapper Dexter na música: “Salve-se Quem Puder”.

Se em 1922 era o Teatro Municipal de São Paulo quem chamava a atenção da comunidade artística diante a antropofagia cultural. Noventa anos depois o Hip-Hop eleva seu olhar para o nordeste brasileiro para se inspirar na Semana do Hip-Hop de Aracaju.



Linha do tempo do Hip-Hop Sergipano





O encerramento de uma programação tão rica, não poderia ser de outra forma, o aguardado show na noite de sábado (12) juntou milhares de pessoas, na concha acústica, para assistir a apresentação de grupos como Son Marias, MHSC e do Oitavo Anjo Dexter, que realizou um show memorável. Fênix, Sou função e Oitavo Anjo foram algumas das canções que ecoaram no bairro Getúlio Vargas, onde a comunidade Maloca é um quilombo urbano da capital. O rapper cantou e emocionou ao lado de seus parceiros, Nego Jam, DJ Lu e Gregory Total Drama que apresentou novas composições que prometem sacudir a cena do rap nacional.

Qualquer pessoa que visitar a capital de Sergipe hoje verá no muro do aeroporto o cartão de visitas da cidade. Um imenso graffiti feito por um multirão coordenado pelo grafiteiro Bonga, legado da primeira Semana Municipal do Hip-Hop, que já deixa Saudades Mil.



+ fotos em www.rapnacional.com.br



Império Periférico
Radio Aperipê FM

Hip-Hop
Criança
Cidadã

Sintonia
Periférica
2009

Nois no
Centro
2010

Fim de Semana Hip-Hop
Inquérito Dexter

Vozes da Luta
Racionais Mc's

1ª Semana do
Hip-Hop de
Aracaju

rama
eria
aperipê



Hot Black carrega
tocha Olímpica

2008

InterNação na
Fundação Renascer

Virada
Hip-Hop
com MV Bill



Gravação Estação
Periferia - TV Brasil

Prêmio
Hip-Hop

Aprovação da
Lei do Hip-Hop

2012

Nação Hip-Hop promove encontro com representantes de sete estados

Por Toni C.

Os dias 2 e 3 de Junho foi um final de semana especial para as minas e manos da Nação Hip-Hop Brasil. Vindos de todas as regiões do país, foram sete estados representados por lideranças da Nação Hip-Hop constituída em mais de 11 estados.

A atividade foi iniciada com os participantes trazendo um breve balanço sobre as ações do Hip-Hop em suas regiões. Os debates sobre os rumos da entidade, preencheram todo o primeiro dia. No domingo aconteceram oficinas dos elementos da cultura Hip-Hop, como a oficina de rima, coordenada por White Jay (RS), e de graffiti, coordenada pelo graffiteiro Sagas (ES). Palestras contaram com a participação de autoridades como o Secretário de Cultura de Marília, André Gomes, e do vereador de Salto, Raisuli, ambos da entidade. Sarau poético, exibição de vídeos e pocket show também fizeram parte da programação. Renan Inquérito esteve presente na atividade e na ocasião lançou seu livro #Poucas_Palavras. Outro lançamento literário foi do livro "O Hip-Hop Está Morto!" de Toni C., o autor é integrante da entidade desde a fundação.

O encontro que leva o nome de Du R. porto A, marca o início do planejamento das ações da entidade para os próximos dois anos. Entre os projetos está a campanha "Nação Hip-Hop Brasil na Copa 2014". Tudo isso rolou no espaço Jovem em São Caetano do Sul, São Paulo. Na ocasião o movimento Hip-Hop organizado de São Caetano foi lançado sobre a liderança de Liu MR. A atividade apresentou a nova direção executiva da organização, com a condução de Mano Oxi, do Rio Grande do Sul, que passou o comando da presidência da entidade para Roberto Landim, o Beto Teoria.

Beto Teoria é um grande articulador do Hip-Hop na região do ABC, acaba de inaugurar a Casa do Hip-Hop e Juventude de Ribeirão Pires e foi eleito conselheiro do Hip-Hop na Coordenação Nacional de Juventude da presidência da república, membro fundador da Nação Hip-Hop Brasil.



DIVULGAÇÃO

?

O QUE É A NAÇÃO HIP-HOP BRASIL?

A entidade foi fundada em 22 de janeiro de 2005 e resgata o conceito de Posse e aplica em escala nacional.

Formada por e para atender as demandas do Hip-Hop, dDebate e promove ações culturais, sociais e políticas Eco Hip-Hop (Campinas), Mergulho na História (São Vicente) e Semanas do Hip-Hop (Aracaju, Porto Alegre, Florianópolis), são algumas das ações promovidas pela entidade.

Qualquer pessoa pode solicitar filiação gratuita.

Saiba mais no site da entidade:

www.nacaohiphopbrasil.com.br

Direção Executiva eleita no encontro:

Beto Teoria - Presidente
Raisuli Hudson - Vice-Presidente
Néia Oliveira - Organização
Mano Oxi - Comunicação
Gisele Nascimento - Finanças
Toni C. - Cultura
White Jay - Juventude
André Gomes - Formação
Sagaz - Eventos
Hot Black - Esporte e Lazer
Marina da Cruz - Meio Ambiente
Fabrício Lópes - Institucional
Aliado G. - Presidente de Honra



Coordenadores de Estados:
Fabio Tizyl Blacks – MG,
Bob Potengi – CE, Adriano Irmão Rap – MT, Kim Izac – SC, MC Baiano – GO, B.Boy Leandro – AC, Mano Paulo – DF, Virgula – PA, Pandora – ES, Durango Kid – RJ, Ninna – PE.

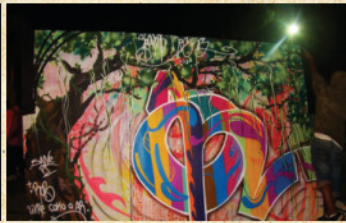


A terceira cidade mais populosa do estado de Santa Catarina, Blumenau, foi contemplada com um grande show de Hip-Hop, no dia 20 de maio. Nem a garoa desanimou os manos e minas que lotaram o Parque Ramiro Ruediger e lá permaneceram das 14 as 23h. Organizado por Yuri Moritz, juntamente com a Prefeitura de Blumenau, o festival levou o Inquérito pela primeira

vez a cidade.

Os fãs do grupo aguardavam por esse show há anos e foi grande a emoção ao ver Renan e Pop Black subirem ao palco, acompanhados por Índio Sax, Rodrigo Beat Box e Dj Duh nas pick-ups. Músicas como Mister M" e "É Gol!" empolgaram a galera que cantou e dançou junto. Já "Dias dos Pais" emocionou a todos.

O melhor do RAP catarinense também foi apresentado nos shows dos grupos: Efeito Constante, Palavra de Honra, Palavra Feminina, B.O.N.A., União de Ideias, Circunstância's, Dj Nathan NR nos to ca-discos e no graffiti Pilaca da Somos Negros Crew. A parte da dança ficou por conta de QDR Crew e Nos Trink Crew. O evento foi apresentado por Baraka.



"Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada, apenas de o primeiro passo..."

Martin Luther King Jr.

Sneakers: Pise firme e com

Por Elaine Mafra

O tênis sempre foi uma peça marcante no visual dos MCs, DJs, B.boys e B.Girls e mesmo o hip-hop tendo suas raízes na periferia isso nunca foi empecilho para que os manos e minas caprichassem no estilo. A diferença é que antes o tênis era apenas um objeto que completava o visual, sem destaque algum. Mas na década de 80 surgiu a cultura Sneaker e o tênis passou de simples coadjuvante para item principal. Os adeptos dessa cultura são conhecidos como sneakerheads e para eles tênis é motivo de desejo e orgulho.

Vários fatores influenciaram para o surgimento da cultura Sneaker, mas dois foram fundamentais. Run DMC lançou a música “My Adidas”, em homenagem ao modelo Adidas Superstar, que era usado sem cadarços. Isso gerou até polêmica na época porque quem usava tênis sem cadarços eram os presidiários e esse modelo ganhou o apelido de “Felon Shoes” (Tênis de Criminoso). O basquete também teve grande influência com sua variedade de modelos e principalmente com o lançamento do Nike Air Force I.

Além do conforto e da beleza, um fator que chama bastante atenção nos sneakers é o estilo, que pode ser com cano médio ou curto, cor única ou combinações. A cultura Sneaker prega a valorização do tênis não como acessório, mas como item de colecionador: quanto mais raro e exclusivo, melhor.

No Brasil a paixão por tênis é mais recente, mas já existem muitos seguidores e um dos mais famosos é o rapper Marcelo D2. O eterno líder do Planet Hemp é um grande conhecedor e colecionador de sneakers. Tanto que o “sagaz homem fumaça” já avisou na letra da música Meu Tambor: “A regra é clara, não pise no meu tênis. Haja o que houver, nunca pise no tênis!”. Vários modelos já foram os preferidos de quem curte o estilo das ruas e alguns entraram para a história. Qual é o seu preferido?

AIR MAX ULTRA:

Moderno e com muito estilo, o Nike Air Max Ultra é uma excelente opção para as mais diversas atividades do dia a dia. Indicado para quem quer estilo e conforto na mesma peça.

AIR FORCE I

Esse é um ícone do basquete e da cultura street. O modelo foi criado nos anos 80 e revolucionou as quadras de basquete dos Estados Unidos. Vários destaques do RAP mundial já assinaram versões exclusivas desse modelo.

NIKE CORTEZ

Cortez foi o primeiro tênis produzido pela Nike e mesmo com 40 anos continua super atual. O nome Cortez é uma homenagem ao herói espanhol Hernan Cortez que derrubou o Império Asteca.

m estilo

AIR MAX I

Lançado em 1987, foi o primeiro modelo a expor a tecnologia Nike Air, com a cápsula de ar visível.

O Nike Air Max I foi re-introduzido no mercado nos 90 e é um dos estilos mais emblemáticos da Nike.





Apoie este projeto e seja visto
por milhares de pessoas

revista@rapnacional.com.br

(47) 3046-6156 | (47)7811.3497 | 92*199119